



DENISE ANSCHAU RODRIGUES MORS

**MEMÓRIAS E PRODUTOS CULTURAIS QUE RECONSTROEM IDENTIDADES:
“ESCULTURAS PARQUE PEDRAS DO SILÊNCO” (NOVA PETRÓPOLIS, RS)**

CANOAS, 2019

DENISE ANSCHAU RODRIGUES MORS

**MEMÓRIAS E PRODUTOS CULTURAIS QUE RECONSTROEM IDENTIDADES:
“ESCULTURAS PARQUE PEDRAS DO SILÊNCO” (NOVA PETRÓPOLIS, RS)**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Prof. Dra. Margarete Panerai Araújo

Coorientador: Prof. Dr. Moisés Waismann

CANOAS, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M884m Mors, Denise Anschau Rodrigues.

Memórias e produtos culturais que reconstroem identidades: “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” (Nova Petropolis, RS) [manuscrito] / Denise Anschau Rodrigues Mors – 2019.

102 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.

“Orientação: Prof^a. Dra. Margarete Panerai Araújo”.

1. Memória. 2. Imigração germânica. 3. Esculturas Parque Pedras do Silêncio. 4. Resignificação. I. Araújo, Margarete Panerai. II. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

BANCA EXAMINADORA



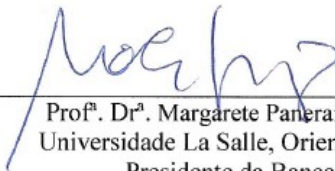
Prof.^a. Dr.^a. Ilanil Coelho
Univille



Prof. Dr. Moises Waismann
Universidade La Salle



Prof. Dr. Wagner dos Santos Chagas
Universidade La Salle



Prof.^a. Dr.^a. Margarete Panerai Araujo
Universidade La Salle, Orientadora e
Presidente da Banca

Área de Concentração: Estudos em Memória Social

Curso: Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 20 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Margarete Panerai Araújo, meu muito obrigada.

Aos professores da Unilasalle, em especial ao Professor Doutor Moisés Waismann – meu coorientador – e à Professora Doutora Ana Maria Sosa González, minha primeira orientadora.

Aos meus colegas do curso de Mestrado, pela troca de experiências e aprendizado, em especial às colegas Claudia Beux e Luci Coutinho. Ao Guilherme “Smee” Miorando que, com muito talento, trabalhou no produto final desta dissertação.

Ao apoio da UFRGS, dos gestores, dos meus colegas de trabalho e amigos nessa instituição, que se revezaram nas tarefas para que eu pudesse me ausentar. Agradeço, especialmente, ao Prof. Alberto Tamagna, Andrea Loguercio, Camila Antunes, Edy Isaias Jr., Fernanda Lucion, Inajara Damas e Sabrina Padilha, pelo incentivo.

Ao “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, em especial ao seu idealizador Valmor Heckler, e aos colaboradores Evandro Nunes e Cristóvão Hullen, cujas disponibilidades tornaram possíveis a minha pesquisa.

À minha família, pelo carinho. Aos meus pais Vidal Machado Rodrigues e Maria Sidonia Anschau Rodrigues (*in memoriam*), meus exemplos de vida. Aos meus irmãos, José Antônio Anschau Rodrigues e Deisi Anschau Rodrigues de Carvalho, obrigada por terem acreditado e fazerem eu me sentir uma pessoa especial.

Ao meu filho, Maurício Rodrigues Cauduro, minha inspiração, que, apesar das minhas ausências, me incentivou a prosseguir.

Ao meu marido, Paulo Machado Mors, que transforma todos os meus sonhos em realidade. Pelo apoio e carinho, dedico a ele esta Dissertação.

"Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória" (José Saramago).

RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar a problemática da reconstrução da memória da imigração germânica no município de Nova Petrópolis, RS em um caso concreto, o “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”. Apresenta como objetivo geral investigar a reconstrução da memória da imigração germânica na gestão desse espaço sociocultural a partir da expografia, e apresentar um produto cultural educativo relacionado ao espaço que expresse a ressignificação dessa memória. A memória migratória é representada por esculturas de pedra em arenito, distribuídas ao longo do parque e organizadas pelo seu idealizador e gestor ao escolher três eixos temáticos – a saga dos imigrantes, espaço das profissões e espaço das tradições e cultura, além de um espaço dedicado à representação de pioneiros. À luz da bibliografia consultada, se procede à análise da coleção expográfica do parque, cujos elementos identitários vinculados à imigração germânica que aparecem nas esculturas evidenciam parcialmente a memória social que elas estão ressaltando para os visitantes. A pesquisa utiliza a metodologia da análise de conteúdo para estudar a gestão desse espaço sociocultural por meio de entrevistas de colaboradores. Foi possível concluir que o produto cultural educativo de entretenimento infantil desenvolvido irá colaborar com a construção de ressignificação da memória da comunidade local descendente de imigrantes germânicos.

Palavras-chave: Memória. Imigração germânica. Esculturas Parque Pedras do Silêncio. Nova Petrópolis, RS. Ressignificação.

ABSTRACT

It is proposed an analysis of the memory reconstruction of the German immigration in the city of Nova Petrópolis/RS based on a concrete case, namely, the "Esculturas Parque Pedras do Silêncio". Our main goal is the investigation of the reconstruction of the German immigration memory, as worked out under the management of this sociocultural space, from its expography, and the elaboration of a cultural educational product related to the space that expresses the redetermination of that memory. The memory of this migratory flow is represented by sculptures done on sandstone, distributed throughout the park, organized by its idealizer and manager choosing three thematic axes – the saga of immigrants, space of the professions and space of the traditions and culture, besides a space dedicated to the representation of pioneers. In the light of the consulted bibliography, the analysis of the park's collection focuses on the identity elements linked to the German immigration that appear in the sculptures, partially showing the social memory that they are highlighting for the visitors. It is used the methodology of content analysis to study the management of this sociocultural space through interviews of collaborators. It was possible to conclude that the developed cultural educational product for children's entertainment will collaborate with the construction of memory's redetermination of the German immigrants.

Keywords: Memory. German immigration. Esculturas Parque Pedras do Silêncio. Nova Petrópolis, RS. Memory's redetermination.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro	40
Figura 2 – Vovó e netos	40
Figura 3 – Atividade proposta no livro (1).....	41
Figura 4 – Atividade proposta no livro (2).....	41
Figura 5 – Última página do livro.....	42
Figura 6 – Localização “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”	47
Figura 7 – Loja do parque construída em técnica enxaimel	47
Figura 8 – Escultura e, ao fundo, detalhe da área de exposição.....	48
Figura 9 – Corte da mata nativa	51
Figura 10 – D. Pedro II e o brasão de Nova Petrópolis	52
Figura 11 – Carpinteiro.....	54
Figura 12 – Tanoeiro	55
Figura 13 – Padre Theodor Amstad	58
Figura 14 – Mulher pioneira.....	60
Figura 15 – Avô contando histórias	62
Figura 16 – Forno a lenha	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de entrevistados	36
Quadro 2 – Categorias de análise de pesquisa.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	Memória Social e as teias de significados	19
2.2	Algumas visões transversais sobre o tema	25
2.3	Conceitos de parque temático e a ressignificação pela Educação Patrimonial	28
3	METODOLOGIA	34
3.1	Classificação da pesquisa	34
3.2	Instrumentos utilizados no processo de pesquisa	35
3.3	Análise dos dados	37
3.4	Construção do produto	39
4	ANÁLISE DE DADOS	43
4.1	Contexto histórico do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”	43
4.2	“Esculturas Parque Pedras do Silêncio”: estudo expográfico dos elementos identitários vinculados à imigração germânica que identificam parcialmente a memória social	46
4.2.1	<i>Eixo temático da saga dos imigrantes</i>	49
4.2.2	<i>Eixo temático das profissões</i>	52
4.2.3	<i>Eixo temático dos pioneiros</i>	56
4.2.4	<i>Eixo temático das tradições e da cultura</i>	60
4.3	Análise dos dados coletados através das entrevistas	64
4.3.1	<i>Vínculos ideológicos, étnicos e afetivos que possam ter influenciado na proposta do espaço do parque</i>	64
4.3.2	<i>Parque privilegia e/ou relega determinados aspectos da memória germânica</i>	68
4.3.3	<i>Produto</i>	71
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICE A – Termo de cessão de direitos da entrevista	83
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista	85
	APÊNDICE C – Produto cultural: livro de atividades de entretenimento infantil	87

1 INTRODUÇÃO

A reconstrução da memória da imigração germânica no município de Nova Petrópolis, localizado no Estado do Rio Grande do Sul, constitui-se num exemplo de formação de memória social, de acordo com a concepção de Halbwachs (1990). A questão central dos estudos teóricos de Halbwachs foi a defesa da premissa de que a memória individual existe a partir da memória coletiva, pois todas as lembranças são formadas no interior de um grupo. Ou seja, os sentimentos, ideias e pensamentos que são atribuídos às pessoas, na realidade nascem do grupo.

Inserido na proposta da linha de pesquisa “Memória e Gestão Cultural” do Programa Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, este trabalho propõe-se a estudar a iniciativa cultural, concebida por um membro de uma comunidade descendente dos protagonistas de um fluxo migratório que soube transmitir através das gerações uma cultura que os identifica muito claramente. Refere-se, aqui, ao conceito dinâmico de cultura como designativo do conjunto de caracteres próprios de uma comunidade (CUCHE, 2012). Trata-se da iniciativa recente de criação do que o idealizador e gestor chamou “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, aberto ao público em novembro de 2014.

Busca-se entender este lugar como um espaço em que uma reconstrução da memória da imigração germânica se expressa por meio dos produtos culturais instrumentalizados nas esculturas de pedra em arenito. Estas se encontram distribuídas ao longo do parque e organizadas pelo seu idealizador ao escolher três eixos temáticos: a saga dos imigrantes, espaço das profissões e espaço das tradições e cultura, além de um espaço dedicado à representação de vários pioneiros (HECKLER, 2016).

Os acontecimentos que marcaram a trajetória de vida desses sujeitos estão representados em vários espaços. Entre eles, a “saga dos imigrantes”, que apresenta esculturas que narram o contexto histórico da imigração, o que motivou a saída da Europa e a chegada em Nova Petrópolis. Neste segmento, as estátuas representam principalmente as famílias dos imigrantes, com imagens de homens, mulheres e crianças. O “espaço das profissões” apresenta algumas das profissões desempenhadas pelos imigrantes, privilegiando figuras masculinas e mostrando a formação de um menino aprendendo o ofício do pai. O “espaço das tradições e cultura” possui uma representação mais diversificada de estátuas, mostrando os

costumes trazidos ou aqui adquiridos pelos imigrantes, o cotidiano, as atividades festivas, esportes, culinária e diversão infantil.

Vale ressaltar que, nessa Dissertação, além de uma análise da exposição no que diz respeito à detecção de determinada identidade cultural, também se procede a uma avaliação da iniciativa a partir do conjunto das peças expostas. Tal processo se dá com o objetivo de identificar a ressignificação da memória social daquela comunidade, alguns ideais específicos contidos em seu imaginário, além da gestão do espaço da exposição.

Encontra-se em Hillebrand (2006) justificativa para designar de comunidade a população abordada neste estudo, dadas suas “[...] características de proximidade espacial, homogeneidade, afetividade, consenso e participação numa totalidade” (DURHAM, 2004, p. 222). Ao abordar a homogeneidade, Durham lembra que está se referindo a uma mesma cultura e não a um consenso entre os comportamentos individuais, pois em qualquer agregado humano existem conflitos e paixões, “[...] porém estes conflitos se desenrolam num universo comum” (DURHAM, 2004, p. 223). Ainda segundo Hillebrand (2006, p. 14):

Nova Petrópolis não é apenas uma região geograficamente limitada, é também um espaço de construções simbólicas relacionadas à tradição germânica; é uma cidade que nasceu das mãos de imigrantes alemães e carrega consigo seus valores culturais.

A expressão comunidade, referindo-se à população de Nova Petrópolis, também está respaldada no conceito de Lenhard (1971, p. 37):

Um conjunto de pessoas que encontra, numa determinada área geográfica em que convive, satisfação a quase todas as necessidades sociais. Assim entendidos, são comunidades: uma aldeia ou vila, um conjunto de sítios dispostos ao redor de uma capela, escola, venda, etc., uma cidade pequena ou grande.

Construir e organizar a gestão de um espaço de exposição como o que aqui se estudou é um exemplo de prática mnemônica de que uma comunidade pode se valer para recordar seu passado. Dito de outra forma, trata-se de uma iniciativa que se enquadra no conceito teórico de memória social apresentado pelo sociólogo Halbwachs (1990)¹, no sentido de uma memória coletiva, que atua e até determina a

¹ A conceituação inicial sobre memória social ou, melhor dito, sobre memória coletiva, se dá a partir dos trabalhos de Halbwachs (1952).

memória do indivíduo. Nesse caso, estaria disponível em diversos discursos fundantes do município a partir da imigração alemã, em múltiplas narrativas e bens culturais que continuam sendo apropriados pela sociedade ou, pelo menos, por grande parte dos habitantes do município de Nova Petrópolis, pela sua identificação com esse passado e esse grupo migrante.

A partir do trabalho de Halbwachs, que introduziu a noção de memória coletiva nas ciências sociais, outros autores, mais atuais, têm se interessado em compreender mais profundamente a memória social ou memória compartilhada e discutir a articulação da memória como parte de ligação social e construção da identidade cultural. Um deles é Zerubavel (2003), cujo foco principal é a representação sociomental do passado. Para este autor não interessa como os fatos aconteceram na história, mas de que maneira nós lembramos este passado, de que forma são escolhidos e enfatizados na narrativa determinados sucessos e episódios. Nem todos os acontecimentos são retidos na memória, pois muitos eventos acabam sendo esquecidos. O ato de relembrar é mais do que um simples ato pessoal, pois é regulado por regras sociais, que vão nortear o que devemos lembrar e o que devemos esquecer.

O município de Nova Petrópolis, berço da colonização germânica no Rio Grande do Sul, localiza-se na Serra Gaúcha, entre os rios Cadeia e Caí, distante 100 km de Porto Alegre (SOUZA, 2005). Foi criado como Colônia Provincial de Nova Petrópolis, um prolongamento da Colônia de São Leopoldo em direção norte ao encontro da serra, e foi colonizado por saxões, pomeranos, boêmios, alsacianos e holandeses. Se, no início, seu desenvolvimento foi lento, devido à grande distância do mercado de abastecimento e estradas ruins, a ponto de jocosamente ser chamada, em vez de Nova Petrópolis, de “Nova Aflição” (Neu Petrópolis – *Neu Betrübnis* em alemão), com o passar do tempo ocorreu o seu pleno desenvolvimento (AMSTAD, 1999).

Nova Petrópolis teve o seu desenvolvimento inicial calcado no trabalho agrícola, redirecionando mais tarde para atividades como indústria moveleira, coureiro-calçadista, confecção de malhas, etc. Integra, juntamente com outros doze municípios com forte influência de colonizadores alemães, a área turística gaúcha chamada de “Rota Romântica” (SOUZA, 2005).

As construções em estilo enxaimel², as flores nas sacadas e nas janelas, e os jardins em frente às casas, constituem-se numa herança cultural alemã de forte atração turística para o município.

Neste contexto, enquadra-se o conjunto de informações expostas no “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, onde a partir de um diversificado acervo, os organizadores por motivos de espaço físico e/ou ideológicos, escolheram uma memória a ser apresentada ao público (ZERUBAVEL, 2003).

O idealizador e gestor do parque, Valmor Heckler, afirma que o fato da figura feminina não ter sido representada no espaço destinado aos pioneiros gerou muitos protestos, e esclarece que este esquecimento não ocorreu de forma proposital. Segundo Heckler (2018), neste eixo temático as estátuas foram esculpidas com base em fotografias de imigrantes pioneiros que vieram para Nova Petrópolis e explica:

“[...] Na hora a gente não se deu conta disso. E qual a explicação que nós achamos? Há 200 anos, a cultura germânica era tão machista, quanto qualquer outra cultura. Não se tem o destaque da mulher. Tanto é que a grande maioria dos historiadores que a gente falou eram mulheres. Mas era sempre o homem que era citado. Então, acabamos colocando apenas rostos masculinos. Lá no final (do parque), nós colocamos uma homenagem à mulher imigrante [...]”.

O “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, de acordo com Valmor Heckler (2016), caracteriza um espaço cultural do município de Nova Petrópolis, RS, uma instituição de natureza privada, idealizada com a finalidade de criar um ponto turístico diferenciado, que constrói e divulga a história e a cultura da imigração germânica pretendendo contar sua história através de esculturas em pedra.

O trabalho de concepção do parque, por parte do seu idealizador, iniciou com a criação de um roteiro histórico cultural a partir de pesquisa bibliográfica pertinente à imigração germânica e contou com o apoio de historiadores de Nova Petrópolis. Também foram coletados dados por intermédio de relatos e fotografias junto a familiares dos antepassados, que inspiraram os escultores na composição das faces esculpidas dos pioneiros. Cumprida esta etapa, iniciou-se o trabalho dos escultores, para que a história pudesse ser retratada por meio das esculturas de pedra. As

² Técnica de construção trazida pelos imigrantes germânicos, que consiste em montar estruturas de madeira encaixada, presas por tarugos de madeira, com espaços vazios preenchidos com argila e pedras ou tijolos (HECKLER, 2017).

questões referentes às obras foram trabalhadas e deliberadas junto a historiadores e descendentes dos imigrantes (HECKLER, 2017).

As ideias de germanidade que se expressam atualmente em moradores da comunidade de Nova Petrópolis das mais diversas formas são ressaltadas nas práticas cotidianas, no gosto pelo cultivo da terra, nas tradições culturais (festividades, religiosidade, etc.), que se encontram representadas na expografia do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”.

Dentre as várias possibilidades de abordagem, o problema de pesquisa desta dissertação recai sobre: como a gestão do espaço sociocultural “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” colabora no desenvolvimento de uma expografia da memória germânica no município de Nova Petrópolis, e como um produto cultural educativo relacionado ao espaço pode expressar a ressignificação dessa memória?

Este trabalho tem como objetivo geral investigar a reconstrução da memória germânica na gestão do espaço sociocultural “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” a partir da expografia, e apresentar um produto cultural educativo relacionado ao espaço que expresse a ressignificação dessa memória.

Os objetivos específicos são:

- Descrever de forma expográfica os elementos identitários vinculados à imigração germânica que aparecem nas esculturas, identificando parcialmente a memória social que elas estão ressaltando para os visitantes;
- Analisar a gestão do espaço “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” através de entrevistas de colaboradores, fazendo uso da análise de conteúdo;
- Desenvolver um produto cultural educativo de entretenimento infantil que colabore com a construção da ressignificação do parque.

Por estar exercendo atividades profissionais na UFRGS, o interesse no Curso de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, e dentro dele na linha de pesquisa “Memória e gestão cultural”, deveu-se à necessidade de aproveitar os conhecimentos desta área de pesquisa na construção de um sítio de memória na Universidade. A Superintendência de Infraestrutura revelou-se o ambiente natural para o trato da memória da UFRGS, haja vista o sucesso do projeto “Prédios Históricos”. Outras iniciativas podem e devem surgir, dado o rico acervo social e cultural da Universidade. Daí o interesse na qualificação nessa área, projetando iniciativas que visem à reconstrução daqueles espaços memoriais.

Por outro lado, por ser descendente de germânicos e querer conhecer aspectos da chegada e da fixação desta etnia na região, teve a autora despertada a motivação por conhecer e pesquisar os pontos relevantes na reconstrução da memória da imigração germânica do município de Nova Petrópolis em um caso concreto: o espaço denominado “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”. Além disso, despertou a atenção da autora a originalidade desta manifestação de memória cultural.

Finalmente, é de se notar uma motivação adicional, surgida logo no início das leituras realizadas para a preparação do projeto desta pesquisa, qual seja, o impacto emocional e afetivo provocado pelo relato da morte de uma mulher pioneira, comprovadamente familiar da autora, transcrito por Blume (2010). Trata-se do necrológio de Katharina Anschau que foi publicado no jornal *Deutsches Volksblatt* em 01 dez. 1899, no qual Nicolau Anschau narrou a trágica morte da esposa:

Participamos a todos nossos parentes e pessoas amigas, a dolorosa notícia de que Deus chamou para junto de si nossa amada mãe e esposa, Katharina Anschau nascida Müller, em 20 de Novembro, na idade de 40 anos, chamada para a eternidade de forma inesperada. Foi atingida por uma árvore que caía, ao lado da mata, resultando tão gravemente ferida e agonizando por apenas quinze minutos, já se foi. A falecida viveu por 24 anos em feliz matrimônio e deixa 13 filhos e dois netos. Todos nós agradecemos de coração a todas as pessoas que nos reconfortaram e estavam no nosso lado nesta hora de aflição. Agradecemos ainda ao padre pelas piedosas orações e preces dos fiéis (BLUME, 2010, p. 152).

O necrológio em questão “[...] revela as dificuldades enfrentadas pelos colonos para cultivar suas terras, pois as roças eram fruto de conquistas junto à mata virgem” (BLUME, 2010, p. 152). Para a autora da presente Dissertação, mesmo não sendo este o mote da pesquisa, fica aqui evidenciado o importante papel desempenhado pela mulher no processo de colonização europeia no Rio Grande do Sul, cuidando da educação dos filhos, sendo agente na preservação das tradições e da cultura e trabalhando ao lado do homem no cultivo da terra.

Esta pesquisa tem como mote estudar um parque temático construído com o objetivo de criar um ponto turístico para divulgar a história e a cultura da imigração germânica. Neste sentido, o trabalho procura refletir sobre os aspectos que motivaram a criação, instalação e expografia do espaço como reprodução de uma memória coletiva que se recria e reafirma por meio da seleção de esculturas e das mensagens que estas pretendem transmitir. A página do “Esculturas Parque Pedras

do Silêncio” expressa que o nome “[...] surgiu por se entender que as esculturas (as pedras) estão em silêncio, contando a história da imigração germânica” (ESCULTURAS PARQUE PEDRAS DO SILÊNCIO, 2018). Mas, elas estão verdadeiramente em silêncio, ou a forma em que estão expostas e as legendas que as acompanham fazem-nas “falar” aos visitantes com certas intenções que direcionam o olhar sobre determinados aspectos da imigração germânica?

No entanto, a autora, ao redirecionar a pesquisa para o entendimento de vínculos ideológicos, étnicos e afetivos na reconstrução da memória da imigração, não pretende apenas reforçar um tema já visto. Ao contrário, pretende suscitar um debate sobre essas influências na construção do espaço “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” e conseqüentemente na história que está sendo reproduzida.

Esta proposta, além de trazer à tona características da memória coletiva de uma comunidade, tanto as ressaltadas, quanto as não explicitadas, disponibiliza um produto que visará despertar nas crianças o interesse pelas suas origens. Neste trabalho utilizam-se, indiscriminadamente, as expressões “imigração alemã” e “imigração germânica”. O uso que popularmente se faz das duas expressões, inclusive pela imprensa e por algumas obras atinentes ao tema, sem priorizar uma ou outra, deixou em segundo plano a discussão sobre essa questão. No caso em tela, os idealizadores do projeto “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” dão preferência à expressão “imigração germânica”. Não há, aqui, a pretensão de definir ou adotar uma posição. Os objetivos da presente pesquisa não exigem esse tipo de delimitação. No entanto, vale mencionar a posição do linguista Cléo V. Altenhofen (ALTENHOFEN, 2017), do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, segundo o qual:

“O conceito de ‘alemão’ se unifica em torno da ideia de que são populações de ‘língua e cultura alemã’. Disso já se davam conta os românticos alemães, como Goethe e Schiller, ao defenderem a ideia de uma Alemanha como Kulturnation. A língua é o elemento definidor principal do conceito de ‘alemão’: a língua alemã com todas as suas variedades geneticamente vinculadas à mesma matriz linguística. Sendo assim, imigração alemã significa ‘imigração de língua alemã’, e não ‘imigração da Alemanha’”.

Segundo o mesmo pensador, o termo “imigração alemã” desvincula o processo de qualquer delimitação política, bastante relativa, sobretudo em uma Europa que remodelou constantemente suas fronteiras ao longo da história.

Apresentado o tema de pesquisa, este trabalho segue organizado da seguinte maneira: no capítulo dois apresenta-se o referencial teórico; o capítulo três trata da metodologia, relatando a imersão realizada para compreensão do tema. No capítulo quatro, tem-se a contextualização do caso escolhido, apresentando-se aspectos da memória da imigração germânica no caso específico da comunidade de Nova Petrópolis, relacionando-os com os principais autores de memória social. O capítulo cinco apresenta as conclusões obtidas pelo estudo empreendido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, são apresentadas as bases conceituais que respaldam teoricamente o produto resultante deste trabalho. São mostrados, aqui, os seguintes conceitos: memória social, que vai tornar possíveis as descrições minuciosas das teias de significados para análise do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, a gestão desse espaço e a ressignificação que será elaborada para o leitor do produto cultural educativo de entretenimento infantil desta dissertação.

2.1 Memória Social e as teias de significados

Os pensamentos dos autores franceses Maurice Halbwachs, e Joël Candau formam as bases teóricas fundamentais para a investigação aqui proposta³. O conceito de memória social originou-se do pensamento do sociólogo Halbwachs (1990), como sendo a essência do conhecimento coletivo e culturalmente conhecido e compartilhado por um determinado grupo, pautado num certo contexto social. Segundo o autor, mesmo atuando sozinho, o sujeito se utiliza de referências de sua memória social e de outros sujeitos para formular o entendimento dos fatos.

A questão central dos estudos de Halbwachs (1990) foi a defesa da premissa que a memória individual existe a partir da memória coletiva, pois todas as lembranças são formadas no interior de um grupo, ou seja, os sentimentos, ideias e pensamentos que são atribuídos a nós, na realidade nascem do grupo. Isso quer dizer que a memória e lembranças são produto da sociedade em que vivemos. Acerca da existência de uma memória estritamente individual, Halbwachs (1990) afirmou que só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos, situando-nos nas respectivas correntes de pensamento coletivo. Além disso, toda lembrança envolve sempre situações do coletivo, por mais pessoal ou individual que ela seja.

Halbwachs (1990) enfatizou o caráter construtivo da memória social, ou seja, a memória não é uma reprodução das experiências tal como elas aconteceram no passado, mas sim, uma construção que se faz a partir delas, no presente. O presente estimula as memórias que, por estarem ancoradas em situações de hoje

³ Vale lembrar que Halbwachs (anos 1920-1930) e Candau (2011) possuem quase 80 anos a separar seus trabalhos, sendo que este último questiona e amplia alguns dos conceitos do primeiro.

que nos conectam com o passado, alteram-se conforme a circunstância do indivíduo e de seu contexto social.

Halbwachs (1990) estabeleceu uma distinção entre a memória coletiva e a memória histórica ou a História (no sentido como era entendida no final do século XIX e início do século XX). O autor faz uma distinção entre história e memória. Afirma que a diferença está no registro do passado. A história é fixada pela escrita; a memória é o resultado dos testemunhos e relatos de um período, reconstruído em um presente extremamente movediço. A história é um “painel de mudanças” porque “[...] examina os grupos de fora e abrange um período bastante longo” (HALBWACHS, 1990, p. 88). Ao contrário, a “[...] memória coletiva é o grupo visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana” (HALBWACHS, 1990, p. 88). A memória coletiva é “[...] uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 1990, p. 88). Dessa forma, na sua concepção, a história viria a ocupar o vazio da memória que já não pode ser reproduzida pelo grupo social, ou seja, o relato escrito daquilo que já não é lembrado pelos membros do grupo.

Halbwachs (1990) relacionou a existência da memória individual aos grupos sociais. Os indivíduos não lembram sozinhos, pois a memória individual está enraizada dentro de quadros sociais, ligada às representações coletivas estabelecidas por grupos sociais. Por mais que as lembranças do passado pareçam resultado de sentimentos e pensamentos pessoais, elas refletem as estruturas simbólicas e culturais do grupo no qual o indivíduo se insere. Esta memória, enquanto construção social, é seletiva, pois o indivíduo pode recordar somente o que considera relevante no grupo ao qual pertence. Ao mesmo tempo, é nesta dinâmica social que os indivíduos são convocados a lembrar daquilo que se considera importante para ser membro do grupo (nesse sentido, os museus etnográficos direcionam memórias, construindo um relato ou história da trajetória do grupo). A memória coletiva, como memória compartilhada por um grupo, povo ou nação, os identifica distinguindo-os dos demais, criando um sentimento de pertencimento, construindo identidade (HALBWACHS, 1952).

Importante também será considerar o que coloca Candau (2011) no seu livro *Memória e Identidade*. Esse autor explicitou, de forma clara, o papel da memória na formação da identidade de um grupo, afirmando que a memória é a sustentação da

identidade. Muito mais do que registros factuais, a memória social é uma construção dinâmica que vai se amoldando aos posicionamentos ideológicos da comunidade.

Candau (2011) se refere às manifestações de memória da seguinte maneira: a protomemória – a memória de baixo nível – que não gera arquivo, que se dá de maneira quase automática. Ou seja, é a memória social incorporada nos gestos, na prática social e na linguagem, que é o mais próximo do que podemos chamar de hábito; a memória de alto nível – ou memória propriamente dita – que se refere à evocação ou recordação voluntária e que incorpora crenças, sentimentos, emoções e experiências vividas no passado; e a metamemória – a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória – representando sua construção identitária. Para o autor, trata-se de uma memória ostensiva, reivindicada, por meio da qual o indivíduo toma consciência da própria memória, tendo condições de discorrer sobre as suas particularidades.

A protomemória e a memória de evocação constituem memórias individuais, não podendo ser compartilhadas, enquanto que a metamemória é a memória coletiva, compartilhada, aquela que dialoga com o conceito de memória coletiva de Halbwachs. Para esse autor, a representação de memória é entendida como “[...] um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros do grupo” (CANDAU, 2011, p. 24). Ademais, diferenciou a memória forte e a memória fraca. A memória forte é aquela que estrutura a identidade, é capaz de estruturar os grupos humanos e é mais facilmente encontrada em grupos pequenos; trata-se de uma “[...] memória massiva, coerente, compacta e profunda” (CANDAU, 2011, p. 44). Ao contrário, a memória fraca não apresenta contornos bem definidos, é difusa e superficial e dificilmente seria compartilhada pelos indivíduos.

Por outro lado, a fraqueza da memória é fruto da transformação gradativa dos grupos conforme seus quadros sociais de memória (HALBWACHS, 1952). Segundo o autor, a memória individual existe sempre enraizada nos quadros sociais, ligada às representações coletivas estabelecidas pelos grupos dos quais o indivíduo forma parte. A representação da memória consiste na declaração que membros de um grupo produzem a respeito de uma memória supostamente comum a todos os demais membros. As lembranças dos indivíduos são fruto de um sistema de representações do passado adquiridas na convivência social com a família, grupo profissional ou classe social. Ainda segundo o autor, estas lembranças do passado

só podem existir a partir dos quadros sociais da memória, referenciadas pelas estruturas simbólicas e culturais do grupo. Sendo assim, a memória coletiva seria uma memória compartilhada por um grupo ou por uma nação, que trariam ao grupo o sentimento de identidade. Cabe ressaltar o contexto histórico da época em que foram publicados os estudos de Halbwachs (1952).

Na contemporaneidade, com o advento dos meios de comunicação em massa e a globalização, e conseqüentemente com a homogeneização de culturas influenciando os grupos sociais, talvez a memória individual se torne mais significativa para a memória social, do que há um século (TORINO, 2013). Outras críticas dirigidas a Halbwachs destacaram que não há tal homogeneidade na memória social e que existem diferentes mecanismos e momentos, segundo os quais os indivíduos se permitem evocar e expressar essas memórias “ditas” coletivas ou compartilhadas.

Nesse sentido, para Candau (2011), o ser humano compartilha mais esquecimentos do que memórias. Este compartilhamento se dá a partir da representação que faz de suas lembranças, que não reproduzem exatamente os fatos. Argumenta o autor que o esquecimento nem sempre é um inimigo da memória, algumas vezes se torna alentador, quando as lembranças são difíceis de serem suportadas. Em consonância com Halbwachs (1990) em relação ao esquecimento, Candau (2011) lembra que a sociedade prefere descartar de sua memória lembranças que podem separar os indivíduos e os grupos sociais. Seriam ambos, lembrança e esquecimento, processos seletivos que poderiam ser usados da maneira mais conveniente.

Candau (2011, p. 25) afirmou que o “[...] conceito de identidade se refere a um estado, não sendo possível aplicá-lo nem ao indivíduo, nem a um corpo social. Segundo ele, os estados mentais são incomunicáveis e a observação dos sujeitos não ocorre de maneira simultânea”. Sendo assim, nem sempre a transmissão de lembranças promove a comunhão dos sentidos, e a garantia de que a memória seja compartilhada. Por este motivo, nem sempre a memória social chega a tornar-se efetivamente coletiva (CANDAU 2011). Convém lembrar que:

A existência de atos de memória coletiva não é o suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado (CANDAU 2011, p. 35).

Assim, este autor reafirma a importância do espaço na construção e evocação da memória e Halbwachs (1990) o faz em sua obra, observando que indivíduos que perderam os referenciais que os orientavam no mundo tornam-se sujeitos sem identidade, pois perderiam também sua memória. Candau (2011), nesse sentido, pontua o papel dos lugares de memória e da construção de memória no controle social, seja no domínio ou na manipulação, defendendo a ideia de que o campo do memorável se forma muito mais facilmente a partir da memória das tragédias. Em outro sentido, este processo ocorre na relação com o passado em que um grupo poderia fundar a sua identidade sobre uma memória histórica alimentada de lembranças de um passado prestigioso. Eletivamente, ele o faz na memória do sofrimento compartilhado.

Convém lembrar que Candau, em sua obra *Memória e Identidade* (CANDAU, 2011), aproximou-se de Bourdieu quando distinguiu a memória a partir dos três níveis já descritos acima, a protomemória (o *habitus* de Bourdieu), a memória propriamente dita e a metamemória. Nesse sentido, é possível se reportar a Setton (2002).

Vale ressaltar que não é objetivo da autora deste trabalho adentrar aspectos fisiológicos da memória. Contudo, ao atualizar os estudos do campo da memória, convém citar Izquierdo (2011), que apropriadamente refere-se à memória como sendo o nosso senso histórico e o nosso senso de identidade pessoal, ou seja, as pessoas são quem são, porque elas se lembram de quem são. Segundo este autor, a conservação do passado se dá através de imagens ou representações que podem ser evocadas, o que é algo comum a todas as memórias.

Para Izquierdo (2011), as sequências de memórias que se armazenam se originam pela capacidade que tem cada memória isolada de incorporar uma informação adicional. Assim, podem ser modificadas, por exemplo, pela ampliação de registros, posteriormente, mesmo anos depois. O esquecimento é necessário para o pleno desenvolvimento das atividades cognitivas, e para a criação. O esquecimento é normal; o excesso deste, com perda de memórias de maneira não intencional, é que pode ser considerado patológico. “A passagem do tempo, assim como a perda gradativa de uma memória pela falta de esforço de evocação, são fatores de esquecimento” (IZQUIERDO, 2011, p. 103).

A complexidade de formação da memória é comentada por Izquierdo (2011), ao ressaltar que é possível que a evocação também possa alterar a memória.

Assim, fica claro que a memória é algo dinâmico e não uma informação cristalizada em nossa mente, evidenciando seu caráter social.

Para Zerubavel (2003), por exemplo, nem todos os acontecimentos são retidos na memória, pois muitos eventos acabam sendo esquecidos. O ato de relembrar é mais do que um simples ato pessoal, pois é regulado por regras sociais que vão nortear o que devemos lembrar e o que devemos esquecer. Diferentes são as maneiras de lembrar para diferentes grupos sociais, daí ocorrerem “batalhas mnemônicas” entre grupos, travadas em âmbitos públicos, tais como escolas e museus. Uma parte considerável da socialização mnemônica é exibida em museus. Neste contexto, objetos ou fotografias, por exemplo, constituem-se numa forma de capturar as imagens do passado. Bibliotecas, bibliografias, lendas folclóricas, álbuns de fotos, arquivos de televisão, constituem-se em alguns meios úteis de acessar os locais de memória. O processo de relembrar inclui mais do que as pessoas tenham vivido como experiência individual, mas abrange as comunidades mnemônicas, tais como organizações, famílias ou nações. A construção das memórias de um grupo, identificando-as com o seu passado coletivo, é parte do processo de aquisição de qualquer identidade social.

Também se tem como apropriadas, para ilustrar o diálogo teórico, as considerações de Nora (1993), que tiveram como propósito inicial a discussão da construção da nação francesa. Entretanto, muitas de suas observações são pertinentes para este estudo que busca constatar de que maneira as esculturas do espaço tratado geram e condensam uma memória da imigração germânica que se constrói no município como um “lugar de memória”.

Para Nora (1993), não existe uma memória espontânea e verdadeira. No entanto, existe a possibilidade de acessar a memória reconstruída, que dê ao indivíduo o sentido necessário de identidade. Para o autor, é por meio do sentimento de que não há memória espontânea e de que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, etc., que nascem e vivem os “lugares de memória”, como os museus, que se constituem em “lugares de memória” por excelência. Este autor conceitua os lugares de memória como um misto de história e memória, sendo que não há mais como se ter somente memória, há a necessidade de identificar a origem, alguma fonte que possibilite o transporte da memória ao passado, trazendo-a para o novo. Dessa forma, Nora (1993) identifica três atributos de lugares de memória: lugares materiais, onde a memória se enraíza e pode ser

apreendida pelos sentidos; lugares funcionais, porque possuem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas; e lugares simbólicos, onde a memória coletiva se expressa e se revela. O espaço cultural tema deste trabalho apresenta esses três atributos de memória mencionados por Nora (1993): a materialidade, o lugar físico onde ele foi estabelecido e que propicia sua visita; a funcionalidade, pois o espaço cumpre uma função social na comunidade onde está inserido e remete aos valores atribuídos à germanidade; e o simbólico, observável nas representações que a comunidade germânica faz de si mesma.

Para considerar a categoria de teias de significados, Geertz (2008) apresentou, ao propor uma Antropologia interpretativa, o estudo da ação humana como uma atividade estruturante, que se refletia na interpretação dos relatos etnográficos. Esta interpretação não fica longe daquilo que acontece na realidade. Para o autor, as teorias antropológicas são temporárias, pois as culturas nunca são iguais, e sempre estão sendo recriadas através das experiências vividas. No estudo da cultura, a tarefa essencial é sempre tornar possíveis descrições minuciosas, pois o homem é amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu.

A cultura para Geertz (2008) é, portanto, uma ciência interpretativa, em busca do significado e o comportamento é uma ação simbólica, e significante de um conjunto de sintomas e de atos simbólicos, sendo que o objetivo é a análise do discurso social. Nas descrições etnográficas para Geertz (2008), portanto, é a interpretativa microscópica a grande característica da interpretação cultural.

2.2 Algumas visões transversais sobre o tema

Em outro contexto, Octave Debarry (2017) – que valorizou os monumentos –, ofereceu atenção aos seus resíduos e os objetos disponíveis na análise do repositório de memória coletiva de uma comunidade. Ele denominou de antropologia dos restos e seu interesse foi despertado em visita a Creusot, quando conheceu a história da empresa Schneider que, entre os anos de 1836 e 1984, foi uma das maiores indústrias de metalurgia da Europa, localizada na França, e tomou-a como tema de doutorado (DEBARY, 2017). Debarry (2017) interessou-se pelas questões patrimoniais devido à persistência da questão histórica envolvida. Quando em 1996 deparou-se com um legado de histórias narradas por “[...] operários, engenheiros, sindicalistas, patrões, atores do patrimônio, da cultura, da política – da equipe de

futebol ao dono do mercado” (DEBARY, 2017, p. 23-24). A história de gerações de Schneiders fomentou “[...] atividades econômicas de produção, metalúrgica e construção mecânica, ocupando-se da construção de escolas, alojamentos, lazer, saúde, igrejas, bem como, da política” (DEBARY, 2017, p. 25-26).

O trabalho de Debary versou sobre a transformação da antiga residência da família Schneider – o castelo de Verrerie – em um espaço de história industrial. A sua obra instigou à reflexão, a partir de uma experiência cotidiana de reciclagem vivida pelo próprio autor em Creusot, atento à dimensão ecológica que levou a um verdadeiro trabalho de reciclagem cultural da história. Nas próprias palavras do autor,

[...] confrontado com a obrigação cotidiana de fazer a triagem de meu lixo doméstico quando, entre 1997 e 1999, vivi em Creusot, a questão do que fazer e da reutilização de meus dejetos se colocava como um espelho da interrogação museal: destruiremos, conservaremos ou reciclaremos os restos da história? (DEBARY, p. 27).

Debary (2017) focou a intensidade com a qual as pessoas lhe falavam da história local, tendo recolhido narrativas de operários, engenheiros, sindicalistas, patrões, atores do patrimônio, da cultura, da política, da equipe de futebol ao dono do mercado. Ou seja, o sentido de pertencimento e o vínculo que eles estabeleceram com sua origem.

Gonçalves (2015, p. 212) analisou as razões para o que considera um “[...] incontrolável processo de expansão dos patrimônios no mundo contemporâneo”. Segundo este autor, o tema “patrimônios culturais” vem ganhando destaque a partir das últimas décadas do século passado e sensibilizando as pessoas para as questões de “patrimônio” e “memória”, bem como, pelas ações de proteção e preservação de seus “bens culturais”. Para este autor, os grupos sociais atualmente identificam como “patrimônio” qualquer objeto material, espaço, prática social ou conhecimento, e refere-se ao seu caráter inflacionário, pois extravasam os clássicos patrimônios históricos e culturais e alcançam domínios etnológicos, ecológicos, além de outros. Ainda seria possível “patrimonializar”, proteger e preservar indivíduos e seus saberes na categoria “intangível” de “pessoas” (GONÇALVES, 2015).

Os patrimônios materiais – a exemplo do arquitetônico –, ou imateriais – a exemplo das histórias, culinária, artesanato ou música –, representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais e, na medida em que forem reconhecidos por este

grupo como algo que lhe é próprio e ligado à sua história, podem ser identificados como “patrimônio cultural”. O autor enfatiza a ambiguidade da noção de “identidade”, pois se “[...] por um lado, é a forma pela qual um grupo se afirma publicamente, por outro, é o modo pelo qual o Estado exerce seu controle sobre a sociedade”. (GONÇALVES, 2015, p. 213).

Os patrimônios podem simultaneamente servir aos propósitos da indústria turística em escala planetária, às estratégias de construção de ‘identidades’, à formação de subjetividades individuais e coletivas, às reivindicações de natureza política e econômica por parte de grupos sociais, ou ainda a políticas de Estado. Mas em todos esses usos do patrimônio é possível perceber determinados modos de imaginar e gerir relações entre passado, presente e futuro (GONÇALVES, 2015, p. 218).

Gonçalves (2015) também postulou que, modernamente, tem sido enfatizado o caráter “construído” ou “inventado” de patrimônio cultural, onde a identidade e a memória de um grupo, nação ou família seriam expressas a partir da construção, no presente, do seu patrimônio. Ocorrem situações em que os bens culturais não são reconhecidos como patrimônio para determinados grupos da população. O autor ressalta que os objetos que constituem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto ao seu público, ou seja, é preciso que façam sentido e representem o espectador. Em relação à materialidade, revelaram que o patrimônio é classificado predominantemente como “material” ao se tratar de monumentos, prédios e objetos. Na contemporaneidade, a categoria “imaterial” ou “intangível” designa lugares, festas, espetáculos e alimentos.

Ademais, em outro artigo (GONÇALVES, 2007) refere-se ao inflacionamento dos “patrimônios culturais” e da necessidade da imposição de limites à expansão semântica sob o risco da banalização de análise da categoria, bem como do esgotamento dessa categoria como instrumento político e de identificação de grupos e de indivíduos. Os patrimônios culturais também têm o papel de entretenimento.

Assmann e Assmann (2013) fazem uma distinção entre dois tipos de memória: a comunicativa, relacionada à transmissão difusa de lembranças do cotidiano, através da oralidade; e a memória cultural, referente a lembranças objetivadas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações. A memória cultural é constituída, assim, por heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como

gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Além disso, remonta ao tempo mítico das origens, cristaliza experiências coletivas do passado e pode perdurar por milênios. Por isso, pressupõe um conhecimento restrito aos iniciados.

A memória comunicativa, por outro lado, restringe-se ao passado recente, evoca lembranças pessoais e autobiográficas e é marcada pela durabilidade de curto prazo, de 80 a 110 anos, de três a quatro gerações. Por seu caráter informal, não requer especialização por parte de quem a transmite. A memória surge, assim, como um artifício para proteger o passado contra a ação corrosiva do tempo e para dar subsídios para que os indivíduos entendam o mundo e saibam o que esperar, "[...] para que não tenham que inventar a roda e começar do zero a cada geração", segundo os pesquisadores Assmann e Assmann, citados por Dourado (2013, s.p.).

2.3 Conceitos de parque temático e a ressignificação pela Educação Patrimonial

A lei federal nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, dispõe sobre a Política Nacional de Turismo e caracteriza os parques temáticos como sendo empreendimentos de animação turística inspirados em algo histórico, cultural, etnográfico, lúdico ou ambiental que valorizam uma região (BRASIL, 2008). São órgãos reguladores desse sistema o Ministério de Turismo, o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e o Sistema Integrado de Parques e Atrações Turísticas (SINDEPAT).

Existem alguns parques que se desenvolvem em torno de um tema ou conceito regional, enquanto outros são produtos da livre imaginação e criatividade dos seus autores. Envolvem uma cadeia alargada de serviços e as experiências interativas, que conjugam entretenimento e aprendizado, são citadas como uma tendência para os parques temáticos. Contudo, não é intenção desta descrição de referencial teórico abordar aspectos do turismo, mas sim o de identificar o “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” dentro do campo de estudo da memória, que constrói um espaço especial de visibilidade da cultura e da memória da imigração alemã na região do Rio Grande do Sul.

Segundo Ashton (1999) os parques temáticos são híbridos contemporâneos e não separam os aspectos culturais, da economia, da filosofia, da sociologia e da política. Nesse sentido, essa autora destaca que os vários modelos servem como

laboratórios, dadas a simbologia e a estética que essas experiências podem oferecer. Para Ashton (1999) os parques temáticos oferecem várias oportunidades de narrativa da vida em sociedade, ou seja, “[...] os parques públicos e jardins imperiais do passado foram considerados ancestrais dos parques temáticos por terem sido concebidos como espaços complexos de representação simbólica da cultura e da sociedade” (ASHTON, 1999, p. 65). Esse conceito fica assim definido em seus estudos:

[...] localizado geralmente em áreas extensas que permitam uma ampla abordagem do tema escolhido, instalação de brinquedos de alta tecnologia e de uma boa infraestrutura para atividades complementares. Trata-se de um local cercado, o que contribui para a segurança de seus frequentadores, para cujo acesso cobra-se uma tarifa de entrada. Destina-se ao divertimento, entretenimento, contemplação, educação, alimentação (já que passamos muitas horas no local) e compras, utilizado em tempo de lazer, de descanso e de ócio. Trata-se de um espaço lúdico onde jogos, brinquedos e descontração convidam ao divertimento. É planejado de modo que o público permaneça por longo período desfrutando das várias opções e com a certeza e o desejo de repetir a visita (ASHTON, 1999, p. 65).

Convém apontar que Soja (1996) e Ashton (1999) caracterizaram e apontaram os argumentos de definição sobre os parques temáticos, que são assim enumerados:

1. A cultura e o comércio estão indissolivelmente interligados em uma proporção cada vez maior dentro da significação (representação e realidade); isto quer dizer que aquilo que consumimos, cada vez mais são signos ou representações que são aceitos em um espírito de espetáculo (ASHTON, 1999);
2. Em outras palavras, as identidades sociais são construídas por meio da troca de sinais, pois a prática turística sempre envolveu o espetáculo com pouca separação entre a arte e a vida social, pois o que é contemplado é o modelo ideal (ASHTON, 1999);
3. A definição que a maioria dos analistas adota é a de que parques temáticos são de lazer onde estão distintas atrações criadas a partir de um tema concreto como inspiração ou pano de fundo, presentes em todos os componentes do parque, sejam eles equipamentos, desenhos, arquitetura ou gastronomia (ASHTON, 1999).

Ashton, (1999, p. 66), destacou ainda que, nos estudos de Mitrasinovic, foi identificada uma “[...] tipologia arquitetônica autocriada e autocontida como um

território de identidade distinta, gerada pela homogeneidade de seus semióticos”. Assim,

[...] dentro de um contexto elaborado para um parque temático, existe uma teia de territórios espaciais. Eles podem ser definidos como: lugares para ver; lugares para comer; lugares para comprar; lugares para vivenciar. Estes territórios, funcionando como sistemas, formam um tecido social (microcosmo) que contribui para identificar o parque temático e para construir a vivência que ele oportuniza [...]. Os lugares para vivenciar são uma representação dimensional de um acontecimento que marca um ponto específico ao longo de um itinerário temático, que é o que vamos chamar de ‘jornada’, e que se transforma após a entrada e desenvolve-se, permitindo que uma nova noção de ‘lugar’ surja como evento interativo (ASHTON, 1999, p. 67).

Para Ashton (1999), esses universos simbólicos ordenam a história, e numa sequência oferecem o passado, o presente e o futuro como uma memória partilhada pela coletividade. Dumazedier (1973) destacou que esses espaços são caracterizados pelo repousar, pelo divertir-se, pelo recrear-se e entreter-se, além de agregar informação e propiciar participação social voluntária e/ou livre capacidade criadora.

Entretenimento significa o ato de distrair ou divertir alguém (FERREIRA, 1975). A indústria do entretenimento engloba todas as atividades que proporcionam distração às pessoas tais como: cinema, televisão, vídeo, shows, esportes, cassino, games, parques temáticos, aquáticos e de diversões (MANDEL; LANDLER, 1994). Algumas empresas, especialmente as voltadas ao público infantil, estão entendendo que a cidadania é um exercício permanente e tem o compromisso também de fazer com que se cumpram os direitos adquiridos do público infantil, como o brincar. Assim, os espaços lúdicos infantis devem contemplar, além do exercício da cidadania, um ambiente que lhe estimule a curiosidade e a imaginação através do brincar (OLIVEIRA, 2004).

Esses espaços passam a ser fundamentados no desenvolvimento, pois afetam os sentimentos, envolvem os movimentos, socializam e proporcionam prazer ao brincar. É no brincar que estão presentes os dois processos, o movimento, através das atividades lúdicas, e o mental. Também, por intermédio do brincar, a criança experimenta as sensações de prazer, medo, curiosidade e muitas outras presentes.

A sociedade se transformou e os espaços acompanham a cultura em que a criança está inserida. Em espaços privados infantis, encontram-se as

brinquedotecas, parques, centros esportivos, culturais ou de lazer. Um espaço lúdico infantil em sua formação e ambiente oferece instrumentos para criar e recriar, construir e reconstruir valores estruturantes ao seu desenvolvimento e trazem consigo elementos constituintes e essenciais acerca do processo de patrimonialização, inseridos em sua cultura. Tendo como base o patrimônio cultural, a educação patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que objetivam proporcionar o reconhecimento, a valorização e, conseqüentemente a sua preservação. O conhecimento deverá ser construído de forma coletiva, respeitando as diferentes noções de patrimônio cultural presentes nas comunidades:

Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação Patrimonial (IPHAN, 2018).

O produto deste trabalho foi inspirado na constatação de que o “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” poderia ser bem aproveitado no sentido de enriquecer a educação patrimonial das crianças daquela região, preenchendo uma lacuna manifestada pelo próprio gestor do projeto ao relatar as dificuldades encontradas ao receber visitantes infantis. Portanto, procurou-se criar um instrumento lúdico educativo que coloque o conteúdo do parque em um nível compreensível para o público infantil, promovendo entre seus membros uma ressignificação do contexto histórico de seus antepassados. A seguir, serão detalhados os conceitos de reconversão e ressignificação com base no pensamento de Bourdieu.

Bourdieu (1998) analisa os microcosmos no sentido de descrever o que chamou de relacional. Ele tenta compreender a sociedade a partir de alguns conceitos básicos que são os limites do campo social, dos diferentes capitais e do *habitus*. Este aparato conceitual é aqui abordado para compreender o conceito de ressignificação e de reconversão. Assim é necessário entender o que é espaço social:

O espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomada de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*); ou em outros termos, ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais do espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos

agentes (ou de classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem [...]. (BOURDIEU, 1996, p. 21, grifo do autor).

Entender o conceito de campo também oferece o entendimento do conceito de sociedade, ou do mundo social, pois os campos sociais são possuidores de leis relativamente autônomas.

Pode-se descrever o campo social como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital [...] (BOURDIEU, 2009, p. 135).

Segundo Bourdieu a noção de *habitus* também é importante para a compreensão da ressignificação do capital simbólico. O *habitus* é um conjunto de conhecimentos adquiridos “[...] são disposições adquiridas e duráveis que podem levar os agentes a resistirem e a se oporem às forças do campo” (SCARTEZINI, 2011, p. 35). O *habitus*, que é definido por Bourdieu (1996, p. 21-22) como “[...] um princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”. O *habitus* constitui a nossa maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo e conforma a nossa forma de agir, corporal e materialmente. Para finalizar esta subcategoria foram abordados aspectos da reprodução e como pode ocorrer a ressignificação ou reconversão do capital cultural. A possibilidade de conversão de um capital em outro é denominada por Bourdieu como estratégia de reconversão.

[...] a reconversão do capital detido sob uma espécie particular em uma outra espécie, mais acessível, mais rentável e/ou mais legítima, em determinado estado dos sistemas dos instrumentos de reprodução, tende a determinar uma transformação da estrutura patrimonial (BOURDIEU, 2011, p. 122).

Entende-se, portanto, que o presente trabalho proporcionará aos visitantes infantis do parque uma reconversão de práticas culturais e a incorporação de um novo *habitus*, permitindo-lhes vislumbrar novas possibilidades para suas trajetórias. Esta educação não formal permite diferentes formas de aprendizagens, que não estão condicionadas ao mesmo tipo de ensino tradicional (PINTO, 2003). A

construção do *habitus* ou sua modificação passa a ser momento importante de resignificação. Com base no referencial teórico acima descrito, a pesquisa aqui apresentada se desenvolve à luz da metodologia apresentada no capítulo a seguir.

3 METODOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo explicar os métodos e técnicas metodológicas utilizadas para a execução deste estudo.

3.1 Classificação da pesquisa

A pesquisa aqui desenvolvida deve ser classificada como qualitativa, com observação participante e entrevistas que evidenciam sentidos e significados em protagonistas do projeto “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”. Para compreender elementos identitários que estejam sintetizados no parque, a partir da exposição, esta metodologia parece ser a mais adequada, posto que trata de aspectos que não podem ser quantificados com precisão, nem tampouco reduzidos a uma simples manipulação de variáveis.

Entende-se como pesquisa, segundo Marconi e Lakatos (1991, p. 155), um “[...] procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Aqui, trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva baseada na construção metodológica oferecida por Minayo, Deslandes e Gomes (2016), que a embasa. Entretanto, alguns dados específicos são necessários para se ter uma visão abrangente do cenário em que o tema investigado se coloca. Com esse intuito, foram feitas observações diretas, com anotações em caderno de campo, através de visitas ao espaço “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, além da realização de entrevistas, pesquisa documental e bibliográfica em livros, revistas e artigos científicos. Ademais, foi observado o procedimento adotado pelos guias, tempo que eles dedicam a cada item apresentado, em que aspectos da história da migração germânica colocam ênfase, etc.

É importante ressaltar a necessidade de integralizar as fontes documentais com os depoimentos orais, a seleção expográfica, as reflexões da pesquisadora através das observações participantes, para poder responder ao problema de pesquisa aqui proposto.

3.2 Instrumentos utilizados no processo de pesquisa

A metodologia do trabalho é pautada pelo levantamento da bibliografia e análise das abordagens do passado do município a partir da imigração alemã, uma vez que através do conhecimento do passado e da trajetória dos pioneiros do município de Nova Petrópolis é possível encontrar indicadores que ajudam a detectar quais os aspectos históricos que o idealizador do lugar pretendeu reforçar através das escolhas expográficas.

A pesquisa bibliográfica, conforme Marconi e Lakatos (1999, p. 73), “[...] são os meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”. Esta ideia é complementada por Gil (2002, p. 45), sobre a importância de uma pesquisa bibliográfica, ela possibilita investigar “[...] uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que se poderia pesquisar diretamente”.

Segundo Prodanov e Freitas (2013) pesquisa não é apenas uma coleta de dados, mas este é um meio necessário para que ela se concretize. Os dados coletados podem ser caracterizados como dados secundários e dados primários. Dados secundários são os de “segunda-mão”, os disponíveis em jornais, periódicos, livros e etc. Quanto aos dados primários, referem-se àqueles de “primeira-mão”, ou seja, não se encontram registrados em nenhum outro documento. Outra fonte secundária muito importante e utilizada neste trabalho foi o meio eletrônico, a internet, que permite adquirir informações importantes e atualizadas. Com respeito à coleta de dados primários, conta-se com as informações obtidas de entrevistas, entendidas como:

[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. A entrevista é um instrumento por excelência da investigação social que muitas vezes é superior a outros sistemas de obtenção de dados (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 196).

As entrevistas realizadas nesta pesquisa basearam-se em roteiros previamente estabelecidos, com questões abertas (APÊNDICE B). Os temas norteadores das questões da entrevista obedeceram a três categorias: 1) vínculos ideológicos, étnicos e afetivos que possam ter influenciado na proposta do espaço

do parque/museu; 2) parque/museu privilegia e/ou relega determinados aspectos da memória germânica; e 3) entretenimento infantil.

Buscando o entendimento da memória presente na reconstrução do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, bem como a relevância do produto a ser oferecido, procedeu-se a entrevistas com três personagens diretamente envolvidos no projeto. O primeiro entrevistado foi o idealizador e proprietário do parque, Valmor Heckler que, juntamente com o irmão e coproprietário, queria construir um ponto turístico “diferente de todos os outros que existem no Brasil” (HECKLER, 2017). Os outros entrevistados foram Evandro Nunes, historiador que atua como guia do parque desde a data de abertura, no ano de 2014, e o escultor Cristovão Hullen, que continua esculpindo para a ampliação do parque e foi, juntamente com outros dois escultores (Rogério Bertoldo e Rodrigo de Azevedo), um dos responsáveis pelas obras em exposição no parque (autor da maioria das esculturas). O quadro 1, a seguir, relaciona os participantes das entrevistas desta pesquisa.

Quadro 1 – Relação de entrevistados

Entrevistados	Ordem das entrevistas
Valmor Heckler	Entrevistado 1
Evandro Nunes de Lima	Entrevistado 2
Cristovão Hullen	Entrevistado 3

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A cópia do termo de cessão de direitos de entrevista, que foi assinado pela autora e pelos entrevistados, é o documento constituinte do Apêndice A. O “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, objeto desta pesquisa, é um empreendimento particular e familiar que se destina a cumprir objetivos de expansão do turismo e divulgação cultural. A supervisão e coordenação das ações administrativas são de responsabilidade do proprietário/idealizador.

As atividades e projetos que acontecem seguem norteados pelo roteiro histórico-cultural idealizado na sua concepção e o proprietário atua nos setores como integrante da equipe. As questões referentes às obras foram trabalhadas e deliberadas junto aos historiadores e descendentes dos imigrantes. A memória produzida para o parque é proveniente de bibliotecas pessoais, assim como as fotografias que inspiraram os escultores na composição das faces esculpidas dos pioneiros. O parque trabalha com exposição permanente, ou de longa duração, com

esculturas em pedra distribuídas por eixos temáticos. O acervo constitui-se de esculturas em pedra de arenito, que pesam de 1500 kg a 2000 kg (1700 kg o m³ de pedra) que foram esculpidas a partir de imagens fotográficas, relatos de descendentes de imigrantes e pesquisa bibliográfica sobre a história da colonização germânica. Ainda compõem o acervo as construções representativas da técnica enxaimel e pequenos adornos de recordações de época. As construções do parque estão edificadas em técnica enxaimel e adentra-se ao local através da loja, também construída nesta técnica. O espaço expositivo compreende uma ampla área cercada por vegetação nativa abundante e paisagismo, onde se encontram as esculturas que representam a chegada dos imigrantes, suas profissões, costumes e tradições, além das faces de vários imigrantes pioneiros. A análise desta expografia, detalhada no capítulo 4, é parte integrante da instrumentalização realizada nesta pesquisa.

A observação participante também serviu como meio de coleta de dados e informações para este estudo. Minayo (2001, p. 56), neste sentido, coloca que:

[...] a técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. A importância desta técnica reside no fato de captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

Nessa pesquisa, a observação foi realizada em três etapas. Iniciou-se com a visita para conhecer o parque e seu idealizador e realização de uma visita guiada. As visitas que se seguiram permitiram o registro de observações e realização das entrevistas.

3.3 Análise dos dados

A análise dos dados de uma pesquisa possui três finalidades, segundo Minayo (1994, p. 69):

[...] estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte.

A análise de conteúdo, proposta por Moraes (1994), adota um processo de classificação em que unidades de significado são organizadas e ordenadas em conjuntos lógicos, denominados categorias, que são descritas e interpretadas em um processo de teorização sobre os fenômenos investigados.

Buscou-se, mediante regras de categorização pré-estabelecidas, uma compreensão dos valores culturais que influenciaram na proposta do espaço cultural estudado. Apesar de terem sido estabelecidas previamente, estas regras foram revistas durante a análise. A fim de manter a consistência na apresentação do fenômeno estudado, durante a entrevista com o escultor do parque, por exemplo, introduziram-se questões pertinentes à categoria 3 – entretenimento infantil, mediante a percepção de que havia o entrosamento do colaborador com questões relacionadas ao público infantil.

As entrevistas foram transcritas para procedimento da análise de conteúdo, em que se buscou o significado das representações culturais através da síntese dos dados mais importantes contidos nas falas dos entrevistados. Os elementos presentes nas manifestações foram descritos e interpretados mediante o embasamento teórico integrado a cada categoria de análise (MORAES, 1994). Com o objetivo de proceder à análise dos dados coletados através das entrevistas, foram classificadas em três categorias as questões a serem avaliadas, conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 – Categorias de análise de pesquisa

Objetos de análise	Categorias de análise
1 Memória social	Vínculos ideológicos, étnicos e afetivos que influenciaram na proposta de criação do espaço do parque.
2 Parque	Privilegia e/ou relega determinados aspectos da memória germânica;
3 Entretenimento infantil	Produto

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Para Moraes (1994), a análise de conteúdo é uma interpretação por parte do pesquisador em relação à percepção que tem dos dados. A autora desta pesquisa entende que existe um vazio de memória a ser preenchido no parque, com a finalidade de valorizar a figura feminina da imigração germânica, enquanto agente de transformação social. De modo igualmente importante seria atender aos anseios

dos colaboradores do empreendimento que relatam dificuldade de comunicação com o público infantil. Assim, o produto desta pesquisa, detalhado na seção seguinte, pretende contemplar essas expectativas, apresentando um roteiro histórico do parque adaptado para crianças, contido no livro de atividades do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, protagonizado pela figura feminina da avó germânica.

3.4 Construção do produto

O produto final desta pesquisa foi pensado como sendo algo com simbolismo próprio, levando à reflexão sobre os temas tratados no parque. Isto levou a autora a propor a edição de livro infantil temático segundo três eixos: a saga dos imigrantes, espaço das profissões e espaço das tradições e cultura, e ainda o espaço dos pioneiros. O livro traz a figura da avó de origem germânica convidando os netos a conhecerem o passado da família, o que se desenvolve através de atividades de pintura, desenho e criação textual. A última atividade do livro apresenta um mapa com sugestão de roteiro de visita de estátuas, adaptado para o público infantil, preenchendo a lacuna existente no “Escultura Parque Pedras do Silêncio”.

O livro infantil produzido traz a capa e a contracapa coloridas com imagens fotográficas de peças da expografia. A parte interna apresenta o seguinte conteúdo: 12 páginas propondo atividades criativas de produção textual e pintura. Logo após há uma folha picotada em branco, para ser desenhada e destacada, que poderá ser afixada em expositores ao longo do parque. A última página apresenta o mapa com sugestão de roteiro de visita das estátuas.

A versão impressa do livro de atividades do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” é apresentada como o Apêndice C desta Dissertação. Nas figuras 1 a 5, estão apresentadas algumas ilustrações do livro-produto. O roteiro e o texto do livro foram elaborados em coautoria com o designer gráfico, redator e roteirista Guilherme Isfredo Miorando, também participante deste programa de pós-graduação. O ilustrador da obra foi Thiago da Silva Kren.

Figura 1 – Capa do livro



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Figura 2 – Vovó e netos



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Figura 3 – Atividade proposta no livro (1)

AS PESSOAS QUE VIERAM DA ALEMANHA PARA O BRASIL SÃO CHAMADAS DE IMIGRANTES, PORQUE ELAS ESCOLHERAM TROCAR A SUA CASA POR UMA VIDA EM LUGAR BEM LONGE DE ONDE ESTAVAM ACOSTUMADAS A VIVER.

ALGUNS IMIGRANTES ALEMÃES, POR UMA QUESTÃO DE ECONOMIA, SÓ TINHAM DUAS MUDAS DE ROUPA. UMA, ELAS USAVAM PARA TRABALHAR TODOS OS DIAS.

A OUTRA ERA A ROUPA PARA MOMENTOS ESPECIAIS, COMO CASAMENTOS, BATIZADOS, FESTAS E ENTERROS. OS HOMENS USAVAM CHAPÉU QUASE TODOS OS DIAS E ERA MÁ EDUCAÇÃO COMER USANDO UM CHAPÉU.



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Figura 4 – Atividade proposta no livro (2)



Fonte: elaborado pela autora (2018).

Figura 5 – Última página do livro



Fonte: elaborado pela autora (2018).

A proposta deste material é oferecer ao público infantil a oportunidade de refletir e interagir de maneira lúdica sobre o tema da imigração germânica. De igual forma, se pretende abordar a participação das mulheres e crianças migrantes, que estão representadas em menor número na expografia do parque.

4 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados pretende responder ao problema de pesquisa que se consolidou na pergunta “Como a gestão do espaço sociocultural ‘Esculturas Parque Pedras do Silêncio’ colabora no desenvolvimento de uma expografia da memória germânica no município de Nova Petrópolis, e como um produto cultural educativo relacionado ao espaço pode expressar a ressignificação dessa memória?”. As três categorias criadas a partir dos objetos de análise ajudam a sistematizar a construção e obtenção dos objetivos específicos inicialmente colocados.

Para analisar a memória social e os vínculos ideológicos, étnicos e afetivos que influenciaram na proposta de criação do espaço do parque é apresentado, neste capítulo, o contexto do empreendimento e sua expografia, evidenciando os elementos identitários vinculados à imigração germânica que aparecem nas esculturas. Para analisar a gestão do espaço “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, foram realizadas entrevistas com o gestor e colaboradores, fazendo-se uso da análise de conteúdo na interpretação do espaço. E, por último, é apresentado o produto cultural educativo de entretenimento infantil que colabora com a construção da ressignificação desse parque.

4.1 Contexto histórico do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”

O processo de povoamento do Rio Grande do Sul, com imigrantes alemães, começou em 1824, motivado pela necessidade de produção de gêneros agrícolas para o mercado interno e externo e de ocupação de áreas que não interessavam à pecuária e aos grandes fazendeiros. Os primeiros imigrantes estabeleceram-se na real feitoria, às margens do Rio dos Sinos, dando origem à Colônia de São Leopoldo (HILLEBRAND; HILLEBRAND, 2013).

Nos anos seguintes, até 1830, vários grupos de origem germânica chegaram ao Estado. Nessa etapa da colonização alemã, o governo imperial subsidiava o pagamento da passagem, a concessão de um lote de terra e de dinheiro, no primeiro ano de trabalho. A partir dessa data, em respeito à nova determinação imperial, as despesas com a imigração foram desautorizadas, interrompendo o fluxo migratório. No período de 1847 até 1854 iniciou-se a segunda fase da colonização, com a chegada, na Província do Rio Grande do Sul, de imigrantes de origem germânica

que não receberam o mesmo incentivo governamental da primeira fase. Com o advento da lei provincial n° 304, as terras passaram a ser vendidas aos colonos e o presidente da província tinha o direito de realizar adiantamento em dinheiro para que os colonos pudessem se estabelecer e iniciar o cultivo nas novas terras. Segundo Barros e Lando (1976), o trabalho escravo nas propriedades das colônias locais era inexistente, ficando o cultivo sob a responsabilidade do colono, de seus familiares, ou da mão de obra assalariada.

Por outro lado, há o trabalho de Witt (2008), que identificou que algumas famílias abastadas de colonos alemães do Vale de Três Forquilhas utilizaram a mão de obra escrava em suas propriedades, almejando crescimento econômico e inserção social, pois essa prática igualava-os aos seus vizinhos nacionais. Na colônia de São Leopoldo, segundo registros da comunidade evangélica de Hamburgo Velho, alguns casais batizavam e apadrinhavam filhos de escravas. Apesar de nem todos os líderes religiosos aprovarem a escravidão, alguns pastores foram proprietários de escravos, ou batizaram escravos nas comunidades do Vale de Três Forquilhas e na Colônia de São Leopoldo. Witt (2008, p. 154) registra que:

Nem mesmo os pastores deixaram de ser agentes históricos do seu tempo, isto é, valores como moral não se colocavam como empecilhos para a posse de escravos. Afinal, poder comprar e usufruir de mão-de-obra cativa os identificava como 'exponenciais' no campo econômico e social.

O atual município de Nova Petrópolis foi fundado em sete de setembro de 1858, para ligar as áreas já povoadas, próximas a Porto Alegre, aos campos de cima da serra, hoje São Francisco de Paula, e daí ao Paraná, rumo ao centro-oeste brasileiro, por onde passariam as mercadorias de outras regiões. A colônia provincial de Nova Petrópolis ficou vinculada administrativamente a São Leopoldo entre 1858 e 1875, quando passou a constituir-se no terceiro distrito de São Sebastião do Caí até a emancipação, ocorrida no ano de 1954.

A nova colônia foi planejada e distribuída em "linhas" e "picadas", sendo que em cada área deveria ser estabelecido um núcleo colonial com a construção de escola e igreja. No centro foi implantada a sede colonial, *Stadtplatz*, onde está situado o município de Nova Petrópolis. O planejamento dos núcleos coloniais procurou manter a homogeneidade de origem e a religião dos colonos. Os

problemas advindos da diversidade de origem e culturas e do dialeto falado pelos imigrantes eram administrados pelo diretor da colônia (PAZ, 1998).

A primeira leva de imigrantes de Nova Petrópolis era constituída de lavradores de religião protestante, provenientes da Pomerânia, província da Prússia. Com os pomeranos, também vieram colonos provenientes da Saxônia, igualmente lavradores e de religião protestante. Em menor número, vieram lavradores católicos ou protestantes de outras procedências, como da província renana da Prússia, da província renana da Baviera, do grão-ducado de Baden, da cidade livre de Frankfurt-am-Main, do grão-ducado de Mecklenburg Schwerin, do grão-ducado de Hessen-Darmstadt, do grão-ducado de Hessen-Cassel, da Alsácia, da Silésia.

Dando prosseguimento ao povoamento, colonos de outras regiões da Europa – como Áustria, Dinamarca, França, Holanda, Itália, Luxemburgo, Polônia, Prússia, Rússia, Suíça e irlandeses provenientes dos Estados Unidos – chegaram à Colônia de Nova Petrópolis (PICCOLO, 1989), completando o perfil do colonizador com um caráter étnico de origem mais ampla.

Por volta de 1870 chegou à Nova Petrópolis um novo contingente de imigrantes de língua alemã, vindos da Boêmia, de maioria católica. Eram em grande parte lavradores, mas havia também alguns operários e especialistas em ofícios manuais (PICCOLO, 1989). A diversidade de profissões exercidas pelos imigrantes foi um dos fatores de dificuldade de adaptação ao trabalho na agricultura. Embora muitos fossem lavradores, outros tantos exerciam as mais diversas profissões: alfaiates, carpinteiros, curtidores, marceneiros, negociantes, ourives, tanoeiros, sapateiros. Os imigrantes vindos da Boêmia, por exemplo, eram lapidadores de cristais. Havia também imigrantes especializados em atividades de ceramistas, entalhadores de madeira, escultores e pintores. Essas atividades não garantiam a sobrevivência, e tiveram que ser abandonadas ou exercidas de maneira complementar à da agricultura. Alguns imigrantes conseguiram, passado algum tempo, transformar a sua profissão de origem em principal fonte de sustento (PAZ, 1998).

Em outro cenário social, Witt (2008) constatou que os artesãos de várias áreas, que vieram juntamente com agricultores, foram os responsáveis em boa parte por impulsionar a economia da colônia de São Leopoldo. Esse fato serviu também para “[...] desfazer a imagem amplamente difundida e errônea de que todos os

imigrantes chegados ao Brasil eram colonos destinados às pequenas propriedades agrícolas” (WITT, 2008, p. 139-140).

Os imigrantes, após a criação da colônia, ficaram desassistidos pelas autoridades, tornando-se responsáveis pelas próprias condições de sobrevivência (PAZ, 1998). Mesmo com todas as dificuldades, lograram se fixar. Segundo este mesmo autor, a diversidade de profissões praticadas também estimulou o crescimento econômico e o desenvolvimento da região. Portanto, diversas são as origens dos pioneiros colonizadores de Nova Petrópolis. Vindos de regiões diferentes, exercendo profissões diferentes, de diferentes formações culturais, esses indivíduos tiveram a ligá-los, aqui, o desafio do recomeço de vida em uma “terra bruta” a ser desbravada e conquistada (HECKLER, 2017). Assim, criou-se uma identidade orgulhosa de seu vínculo à terra, com valores de germanidade independentes de suas origens territoriais europeias.

4.2 “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”: estudo expográfico dos elementos identitários vinculados à imigração germânica que identificam parcialmente a memória social

O “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” localiza-se na Linha Brasil, no município de Nova Petrópolis, RS, no quilômetro 13 da RS 235, em direção ao município de Gramado. Foi inaugurado e aberto ao público em novembro de 2014, caracterizando-se como um espaço cultural do município, sendo frequentado por turistas, estudantes e público diversificado.

Segundo o idealizador do parque, Valmor Heckler (2016), trata-se de uma instituição de natureza privada, construída com a finalidade de criar um ponto turístico diferenciado, apresentando-se como único no gênero e caracterizando-se como um espaço cultural do município de Nova Petrópolis, RS, que constrói e divulga a história e a cultura da imigração germânica. Propõe-se a contar a história da imigração germânica por meio de esculturas em pedra. A memória inspiradora do parque é proveniente de acervos pessoais, assim como as fotografias que inspiraram os escultores na composição das faces esculpidas dos pioneiros. Na figura 6, encontra-se a ilustração com a localização do parque.

Figura 6 – Localização “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”



Fonte: Site do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” (2018).

O parque conta com espaço de atendimento ao público que, através de um portal, em estilo enxaimel, introduz os visitantes à loja de vendas de produtos, artesanato e literatura pertinentes ao tema. A figura 7 mostra a fachada da loja do parque.

Figura 7 – Loja do parque construída em técnica enxaimel



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Após, adentra-se o espaço expositivo, compreendendo uma ampla área cercada por vegetação nativa abundante e paisagismo, onde se encontram as

esculturas que representam a chegada dos imigrantes, suas profissões, costumes e tradições, além das faces de vários imigrantes pioneiros (HECKLER, 2016). A figura 8 mostra a escultura localizada logo após a entrada, com representação de família de imigrantes, usada para os visitantes realizarem fotos de recordação.

Figura 8 – Escultura e, ao fundo, detalhe da área de exposição



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O acervo do parque constitui-se de esculturas construídas de pedra de arenito, baseadas em imagens fotográficas, relatos de descendentes de imigrantes e literatura sobre a história da colonização alemã. As esculturas foram feitas de monoblocos de pedra, que pesam em média de 1.500 kg a 2.000 kg e levaram 30 dias em média para serem trabalhadas. Os escultores responsáveis pelas obras foram Cristóvão Hullen, Rogério Bertoldo e Rodrigo de Azevedo (HECKLER, 2017).

As esculturas estão distribuídas ao longo do parque, respeitando três eixos temáticos: a saga dos imigrantes, espaço onde a história é contada desde a motivação da saída da Europa até a chegada em Nova Petrópolis, com cenários esculpidos em relevos visuais; o espaço das profissões, onde estão representadas algumas das profissões exercidas pelos imigrantes, que deram origem a sobrenomes; e o espaço das tradições e cultura, onde estão representadas algumas das manifestações das tradições e cultura trazidas pelos imigrantes ou que foram incorporadas em seu dia a dia. Além destes, também estão representados, no espaço dos pioneiros, os rostos de alguns dos pioneiros do município de Nova

Petrópolis, que foram esculpidos representativamente através de fotografias (HECKLER, 2016).

Conforme já relatado na justificativa para esta pesquisa, há que se identificar a motivação para a criação, instalação e expografia do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, reproduzindo uma memória coletiva que se recria e se reafirma por meio de uma particular seleção de esculturas, com as respectivas mensagens por elas transmitidas. Neste contexto, enquadram-se os pensamentos dos pesquisadores alemães Aleida e Jan Assmann, em matéria produzida por Flávia Dourado (2013), que afirmam que, à primeira vista, a memória parece ser inerte, presa ao passado – a lembrança de algo que aconteceu e ficou parado no tempo. Porém, um olhar mais cuidadoso revela que a memória é dinâmica e conecta as três dimensões temporais: ao ser evocado no presente, remete ao passado, mas sempre tendo em vista o futuro.

O acervo presente no “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” pode oportunizar à comunidade em geral a possibilidade de lembrar ou tomar conhecimento dos fatos relevantes e reforçar a identidade comum como grupo. Sendo assim, através da criação de um vínculo, esta comunidade poderá, também, reforçar a cultura e traçar as estratégias para o futuro, através do olhar para o passado. Dentre as 80 estátuas de pedra esculpidas no parque, a autora escolheu duas estátuas representativas de cada um dos eixos temáticos para a exemplificação dos aspectos da memória cultural e coletiva presentes na expografia em estudo.

4.2.1 Eixo temático da saga dos imigrantes

No espaço representativo da saga dos imigrantes, é contada a história da motivação da saída da Europa até a chegada em Nova Petrópolis através de cenários esculpidos em pedra. As guerras napoleônicas entre o final do século XVIII e início do XIX, e o desemprego causado pela revolução industrial, que levou o povo à fome e a miséria, motivaram a emigração de europeus para a América (Heckler, 2017). De acordo com Paz (1998), depoimentos de descendentes de colonizadores de Nova Petrópolis reforçam a situação em que estes viviam na sua terra de origem:

Por isso eles vieram para cá, porque lá eles não podiam mais se sustentar

[...]. Então foi-lhes dito que no Brasil havia terra boa [...]. Lá estava muito ruim. Havia 11 filhos e eles não podiam se sustentar [...]. Naquele tempo, quando eles vieram, estava muito ruim na Alemanha. A bisavó dizia: – Vocês precisam ir, nós talvez o seguiremos. Vocês estão vendo, aqui não dá mais [...] (PAZ, 1998, p. 43).

De acordo com Giralda Seyferth (*apud* PAZ, 1998, p. 43) “[...] a escassez de terras, a fragmentação das propriedades, a ‘Anerbenrecht’, o excesso de trabalho nas áreas industrializadas e os baixos salários, tanto dos operários como dos trabalhadores rurais” foram fatores determinantes para a emigração. Por outro lado, existia a propaganda favorável dos agentes de imigração do Brasil, que propalavam as facilidades para os futuros colonos se tornarem proprietários de terra no Novo Mundo. Dentre as muitas razões para a colonização, Heckler (2017) aponta que “[...] a situação limítrofe do Rio Grande do Sul e as guerras fez com que o governo brasileiro precisasse abastecer as tropas e prover soldados” (HECKLER, 2017, p. 14).

Desenvolver a policultura e substituir a mão de obra escrava também faziam parte do projeto. Colonizar áreas ainda desabitadas era muito difícil. Aqui⁴ está representado o corte da mata nativa e a construção de acessos às colônias com ferramentas ainda rudimentares como machados e picaretas (HECKLER, 2017, p. 14).

Segundo Paz (1998), após a decisão de deixar a terra de origem os imigrantes enfrentaram as adversidades da viagem e a difícil chegada, como ilustra o depoimento:

Eles levaram mais de três meses para chegar ao Brasil. Então não tinham mais mantimentos e nada mais. Tinha acabado tudo, sem água [...], um pouco de repolho em conserva ainda tinha [...]. Em desespero, muitos jogaram-se ao mar [...]. Eles vieram com um veleiro comum até Porto Alegre. Então uma lancha, subindo o rio Caí, até São Sebastião. Dali, no lombo de burros, asnos, até Nova Petrópolis, em plena mata virgem [...] (PAZ, 1998, p. 44).

Após a chegada, iniciava-se outra etapa de grande dificuldade para os imigrantes que compreendia o desmatamento da mata nativa, a construção de abrigo para a família, a prática da agricultura para a sobrevivência e o enfrentamento das decepções no local da propriedade (PAZ, 1998).

A figura 9 representa a estátua de pedra arenito localizada no espaço

⁴ Referindo-se à estátua da figura 9.

reservado à saga dos imigrantes e mostra as dificuldades de desbravamento da mata.

Figura 9 – Corte da mata nativa



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

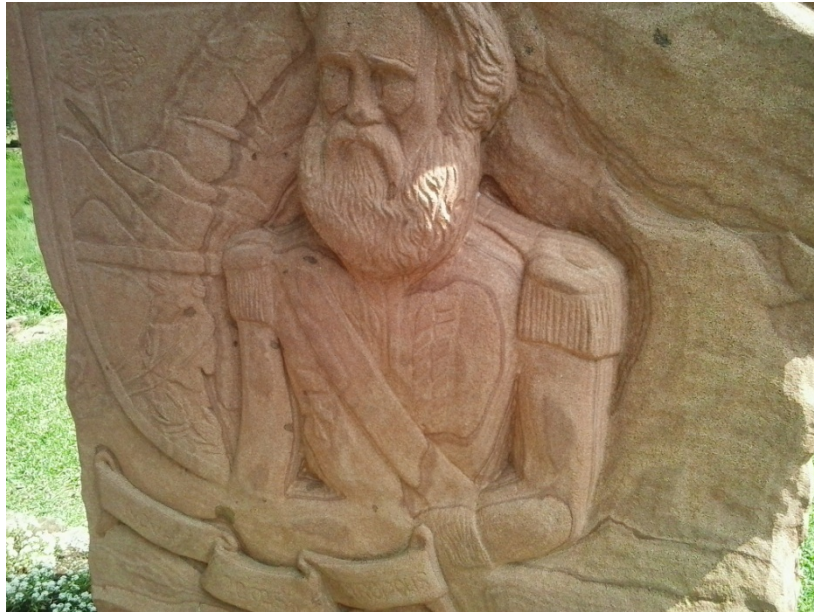
De acordo com Heckler (2007), a denominação de Nova Petrópolis deve-se ao fato da semelhança do relevo montanhoso da região com a cidade imperial de Petrópolis no Rio de Janeiro, características observadas por D. Pedro II e pelo então presidente da Província do Rio Grande do Sul. Conforme Piccolo (1989), as circunstâncias para a fundação de Nova Petrópolis estão fundamentadas no relatório apresentado por Angelo Muniz Ferraz, presidente da Província do Rio Grande do Sul. O documento expressa as impressões do agrimensor José Maria Vidal, incumbido de encontrar “[...] uma boa estrada de carretas que encurtasse o trajeto entre esta capital e a região de Cima da Serra e daí a Nonoay, seguindo deste ponto até a província do Paraná e, talvez, até Mato Grosso” (PICCOLO, 1989, p. 50). O agrimensor José Maria Vidal, explicou-se, em um de seus ofícios:

Achei reunidos muitos elementos para a prosperidade desta nova colônia, inclusive a melhor estrada de rodagem que a natureza pode oferecer em terrenos de serra. As águas são permanentes, cristalinas e abundantes; os terrenos de uma fertilidade assombrosa; os matos frondosos e ricos de madeiras, e com seus tabuleiros convenientemente inclinados para receberem todos os instrumentos aratórios (PICCOLO, 1989, p. 50).

A figura 10, representando o busto do imperador que tomou a iniciativa de

popular algumas regiões do País com imigrantes europeus, evidencia a importância de D. Pedro II na memória e no imaginário da população de Nova Petrópolis. Ao fundo está representado o brasão de Nova Petrópolis e ao lado direito, o relevo montanhoso.

Figura 10 – D. Pedro II e o brasão de Nova Petrópolis



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Na expografia do parque, estão representados os motivos que levaram à migração germânica, e chama a atenção o fato de que a memória ressaltada recai sobre a travessia e os momentos subsequentes à chegada em Nova Petrópolis. Ou seja, as lembranças dos motivos da saída de seus antepassados dos países de origem são minimizadas diante da possibilidade de criar uma nova identidade, à semelhança do que ocorre no caso da imigração italiana, conforme descrita por Gehrke (2013).

4.2.2 Eixo temático das profissões

O espaço das profissões apresenta algumas profissões desempenhadas pelos imigrantes na chegada. Muitos sobrenomes tiveram origem nestas profissões (HECKLER, 2017).

Segundo Piccolo (1989), Nova Petrópolis não recebeu nos seus primórdios (1858 e 1859) somente lavradores. O agricultor, “[...] foi uma das profissões mais

importantes e necessárias no início da colonização, pois era dele que dependia a produção de cereais, feijão, batata, aipim, abóboras, frutas, e a produção do milho e pastos para o trato da criação de animais” (HECKLER, 2017, p. 19). Juntamente com eles, vieram imigrantes que exerciam as mais diversas profissões: alfaiates, marceneiros, negociantes, carpinteiros. A este respeito, Jean Charles Moré (*apud* PICCOLO, 1989, p. 56) escreveu em sua obra:

Como foi fundada (Nova Petrópolis) [...], não é possível dar grandes detalhes sobre um estabelecimento que ainda está em estado embrionário, tanto mais que os colonos que a ele foram dirigidos, não são muito próprios para fazê-lo prosperar rapidamente, sob o ponto de vista agrícola, sendo uma parte mais industriais que cultivadores.

De acordo com Paz (1998), depoimentos mostram que vieram marceneiros, agrimensores, engenheiros, responsáveis pela construção de moinhos, ferreiros, seleiros:

Meu avô, meu bisavô, eles tinham profissão, Eles não eram colonos de trabalhar na roça. Meu avô fazia bombas de água feitas de madeiras [...] era *'Maschinenschlosser'* (mecânico-ferreiro). Então eles sabiam ler e escrever muito bem. Eles eram úteis na cidade. Então eles ficaram na cidade até que encontraram terras apropriadas [...] (PAZ, 1998, p. 30, grifo do autor).

Em virtude da carência de estradas trafegáveis e da iniciativa dos produtores de oferecer mercadorias, as carroças foram muito importantes na colonização, muito empregadas para transportar mercadorias estocadas pelos comerciantes aos centros maiores. Na época em que o trabalho se tornava escasso na agricultura, os carroceiros viajavam até os campos de cima da serra para obterem mulas ou ganhar dinheiro fazendo taipas em pedras. O ganho dos carroceiros era pequeno “[...] ganhavam-se 40 mil réis por mês, enquanto um par de botas custava 50” (PAZ, 1998, p. 28). As dificuldades para transportar suínos até o Caí estão relatadas no depoimento de Paulo Hillebrand:

Então, um (uma pessoa) sempre tinha que acompanhar com carreta puxada por duas mulas. Ele sempre ia junto. Os porcos que não caminhavam mais eram colocados na carroça [...]. Ia sempre um guri com milho na frente da vara [...]. Eles iam por Linha Nova até São Sebastião do Caí (PAZ, 1998, p. 29).

Os comerciantes adquiriam os produtos através dos caixeiros-viajantes

("musterreiter"), que traziam o mostruário de venda às casas comerciais. Os carroceiros buscavam os produtos encomendados, vindos de Porto Alegre, em São Sebastião do Caí. "Além de negociantes, os caixeiros-viajantes se constituíram num importante elo de ligação entre diversas linhas e picadas, levando notícias, novidades, recados, correspondência". (PAZ, 1998, p. 29). Referindo-se à estátua do carpinteiro (Zimmermann), Heckler (2017, p. 20) esclarece:

Era o carpinteiro que produzia carroças, arados, cangas e as estruturas das casas em enxaimel. Aqui⁵ também vemos o filho que, desde cedo, trabalhava com o pai, que lhe passava os conhecimentos que tinha sobre o ofício.

A figura 11 mostra o carpinteiro e suas ferramentas de trabalho, ao mesmo tempo em que ensina o ofício ao filho.

Figura 11 – Carpinteiro



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Segundo Paz (1998) o artesanato foi desenvolvido desde os tempos iniciais da colonização, além da agricultura e do comércio. No entanto, muitas tradições importantes foram perdidas, devido ao atraso da urbanização das colônias, como a de entalhadores de madeira, escultores, pintores e outros. Para garantir a sobrevivência, muitos foram obrigados a mudar de profissão, como demonstra a

⁵ Referindo-se à estátua da figura 11.

memória proveniente dos descendentes de imigrantes germânicos do município de Nova Petrópolis.

A profissão de meu avô era de tanoeiro. Ele era natural da terra do vinho, no Mosela. Depois eles trabalharam na roça, pois outra coisa não havia por aqui. Meu marido era serralheiro, então ele tinha primeiro uma oficina aqui no Brasil e construía fogões [...]. Os Hoffdtätter eram ricos quando chegaram ao Brasil. Aqui começaram uma casa de comércio [...]. O tio do meu marido veio como professor ao Brasil [...] (PAZ, 1998, p. 30).

Neste sentido, Candau (2011) afirma que a patrimonialização cumpre um papel essencial para autenticar o discurso do passado compartilhado. De certa maneira a criação e gestão do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” promove esta autenticação: “Incontestavelmente, a sensibilidade patrimonial se exacerbou ao mesmo tempo em que as sociedades conheceram uma mutação acelerada e temiam, portanto, pela perda e pelo esquecimento” (CANDAU, 2011, p. 162)

A figura 12 representa o tanoeiro (“*Böttcher*”/ “*Fassbinder*”), construtor de barris de madeira, que necessitavam ser bem vedados, utilizados para envelhecimento de vinho e cachaça, e para armazenar e transportar cereais em carroças (HECKLER, 2017).

Figura 12 – Tanoeiro



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

4.2.3 Eixo temático dos pioneiros

Segundo Heckler (2017) este espaço destina-se a representar alguns dos pioneiros responsáveis pela colonização do município de Nova Petrópolis. As esculturas foram produzidas a partir de relatos e fotografias cedidas pelos descendentes. A este respeito postula Candau (2011) que as fotografias, dentre outros tantos suportes de lembranças, são signos memoriais que podem servir para veicular informação, ativar lembranças sobre acontecimentos ou até mesmo afirmar o caráter durável de um laço familiar. Ainda segundo este autor:

É provável que a invenção da fotografia tenha favorecido a construção e manutenção da memória de certos dados factuais – acontecimentos históricos, catástrofes –, mas também fatos familiares, oferecendo, simultaneamente, a possibilidade de manipulação dessa memória (CANDAU, 2011, p. 117-118).

Segundo Paz (1998), uma das ordens religiosas que mais se empenhou na organização da vida religiosa dos imigrantes alemães e seus descendentes foi a dos padres jesuítas. Valendo-se do espírito associativo, presente na cultura dos imigrantes, os jesuítas trabalharam para a fundação de muitas sociedades – “*Vereine*”.

O padre Theodor Amstad foi um dos jesuítas que mais se destacaram nessa atividade, dando início ao cooperativismo em Nova Petrópolis. Além das atividades eclesiais, o Padre Amstad desenvolveu funções de líder comunitário e organizou os colonos em associações. Utilizando-se de conhecimentos relativos a organizações associativas da Suíça, onde nasceu em 1851, fundou, em 1902, a primeira cooperativa de crédito brasileira, em Nova Petrópolis, dando início às Caixas de Crédito Rurais, mais conhecidas como Caixas Rurais. Seu valor foi reconhecido pela Câmara dos Deputados que o declarou, em 2014, patrono do cooperativismo brasileiro.

Em 2002, com o intuito de celebrar os 100 anos do Cooperativismo em Nova Petrópolis, foi construído na Praça da República, conhecida como a Praça das Flores, o Monumento ao Cooperativismo, retratando sete pessoas, que simbolizam a essência das ideias do cooperativismo: adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e compromisso com a comunidade.

O padre Theodor Amstad deixou um importante legado à comunidade de Nova Petrópolis, fruto do trabalho desenvolvido com os imigrantes alemães. Na obra *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924*, Amstad (1999) caracteriza a presença alemã como uma fase importante da colonização do Rio Grande do Sul, sem deixar de assinalar a presença de índios, bugres, portugueses e italianos, conclamando “[...] a todas as nacionalidades que num mosaico colorido povoaram o belo Estado do Rio Grande do Sul, ‘Viribus Unitis’, ‘unindo forças’, numa emulação pacífica para construir o progresso de nossa pátria” (AMSTAD, 1999, p. 47).

Neste contexto enquadra-se o culto ao padre Amstad. Segundo Assmann (2011) cultuar a memória dos mortos faz parte da memória cultural. Constituindo-se como núcleo antropológico da memória social, a lembrança dos mortos possui duas dimensões opostas; uma religiosa, conhecida por *Pietas* e a outra mundana, na qual a memória está envolvida com o louvor aos grandes feitos, denominada *Fama*.

De acordo com o humanista Gerolamo Cardano, de cuja extensa obra, no século 16, pode-se destacar *De Sapientia*, a *Fama* é a forma mais garantida de imortalidade e que aposta em uma rememoração generalizada pela posteridade. Apresenta três condições interligadas entre si: grandes feitos, sua documentação e sua rememoração na posteridade. Esse autor postula que a “[...] eternização do nome é a variante mundana da salvação da alma. Por ela não respondem parentes, sacerdotes, mosteiros e benfeitores, mas cantores, poetas e historiadores” (CARDANO, 1544 *apud* ASSMANN, 2011, p. 08).

A preservação da memória do cooperativismo e do seu fundador, Padre Amstad, está representada de várias formas, não somente no parque e na praça que leva o seu nome e entorno, mas em outras manifestações no município de Nova Petrópolis, ficando evidente o culto e o louvor àquele que em vida deixou marca expressiva em toda uma comunidade, representado na figura 13, a seguir:

Figura 13 – Padre Theodor Amstad



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A mulher pioneira não está explicitamente representada neste eixo temático, mas pensa-se aqui em aproveitar a temática da participação feminina na colonização germânica como mote para uma reflexão sobre a ausência da figura feminina no conjunto de esculturas do parque. Postula Candau (2011) que o ser humano compartilha mais esquecimentos do que memórias. Este compartilhamento se dá a partir da representação que faz de suas lembranças, que não reproduzem exatamente os fatos. Argumenta este autor que o esquecimento nem sempre é um inimigo da memória, algumas vezes se torna alentador, quando as lembranças são difíceis de serem suportadas. Em consonância com Halbwachs (1990), com relação ao esquecimento, lembra que a sociedade prefere descartar de sua memória lembranças que podem separar os indivíduos e os grupos sociais. Seriam ambos, lembrança e esquecimento, processos seletivos que poderiam ser usados da maneira mais conveniente, conforme as demandas do presente.

Embora esquecida pela historiografia tradicional, a mulher desempenhou um importante papel na construção da comunidade de Nova Petrópolis, trabalhando ao lado do homem no cultivo da terra, cuidando da educação dos filhos, e sendo agente na preservação das tradições e da cultura. Por intermédio do olhar feminino aprende-se um pouco da vida cotidiana dos imigrantes. Nesse sentido, vale transcrever trechos de depoimentos constantes em Paz (1998) mostrando a

preocupação da mulher com a vida religiosa, a educação dos filhos e com o trabalho e sua participação decisiva na tradição do canto e no estímulo à convivência social:

Quando chegamos e nos disseram que esta era a terra, a minha mãe sentou-se sobre um caixote e começou a chorar. – Onde está a igreja? – Onde está a escola para os meus filhos? [...] O pessoal antigamente era muito divertido. Hoje em dia não se ouve ninguém cantar [...]. Nos tempos dos meus avós, as mulheres ajudavam a serrar na grande serra de cortar tábuas, e ajudavam para construir ao menos sua casa [...]. Eles cantavam, ninguém se lamentava [...]. A avó sempre contava como eram alegres e divertidos [...]. Então nenhum caminho era longo demais para visitar os conhecidos [...]. Aproximava-se a época do Natal, e a angústia dos meus pais aumentava dia a dia. Na véspera da grande festa, tão cara ao povo alemão, meu pai desapareceu na floresta. Algum tempo depois, voltou com um pinheirinho brasileiro! Nós o enfeitamos com musgo e flores silvestres e, à noite, as velhas canções de Natal ecoaram pela primeira vez naquele ranchinho perdido na floresta (PAZ, 1998, p. 45).

Ainda de acordo com Paz (1998) apesar do cotidiano dos imigrantes se resumir ao trabalho com a terra na luta pela sobrevivência, as preocupações com a religião, a educação dos filhos e a vivência das tradições se fizeram presentes desde o início da colonização. Como “[...] queriam progredir, o homem e a mulher tinham que trabalhar juntos” (PAZ, 1998, p. 45).

A importância da mulher foi ressaltada pelo idealizador do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, Valmor Heckler, em reportagem publicada pelo *jornal Correio do Povo* de 10 jan. 2016 (RAMOS, 2016), na qual é referenciada uma estátua que homenageia as mulheres imigrantes (FIGURA 14). De acordo com Heckler (2017):

Somente uma mulher forte, lutadora e com muita garra, seria capaz de enfrentar todos os desafios impostos. Ela está com os pés descalços, representando as adversidades que ela tinha que enfrentar, que não foram poucas, para tentar uma vida melhor aqui no Brasil. (HECKLER, 2017, p. 47)

O empreendedor deste projeto cultural reconhece que muito ainda há o que se fazer para reconhecer a importância da mulher na saga da imigração germânica (HECKLER, 2018). A figura 14 mostra a estátua esculpida em homenagem à mulher pioneira.

Figura 14 – Mulher pioneira



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

4.2.4 Eixo temático das tradições e da cultura

O conceito de tradição que pode ser adotado neste contexto é o mesmo a que se refere Eric Hobsbawm (1997, p. 09):

[...] conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado.

De acordo com Heckler (2017), este espaço destina-se a representar as tradições e cultura trazidas pelos imigrantes, além de outras por eles adquiridas. Um exemplo de prática incorporada pelos imigrantes é o hábito de consumir chimarrão. Bebida típica do Rio Grande do Sul, tem origem nos indígenas que habitavam a região sul do Brasil. O nativo bebia a infusão das folhas de erva-mate usando um porongo ou cuia, que era sorvida com uma bomba de bambu. O gaúcho adaptou a bebida, moendo as folhas da erva-mate e utilizando a bomba de metal, e transmitindo a tradição do chimarrão ao imigrante germânico (HECKLER, 2017).

A maioria da população residente em Nova Petrópolis, atualmente, é cerca de 90% de origem germânica. Quando os imigrantes alemães se estabeleceram em Nova Petrópolis, mantiveram pouco contato com os habitantes locais, devido à localização geográfica das colônias e picadas. Em seu isolamento, os colonos

mantiveram quase que intactos a língua e os costumes. Da mesma forma, mantiveram-se as tradições, que eram profundamente arraigadas (SOUZA, 2005).

Os colonos passavam a maior parte do tempo mantendo pouco contato com a comunidade. Os momentos de encontro comunitários eram motivados pelas festas tradicionais geralmente ligadas à religião, como o Natal, a Páscoa e o “*Kerb*” ou “*KirchewEIFest*” (festa de inauguração da igreja) (HILLEBRAND, 2006).

Segundo Souza (2005) os imigrantes estimulavam a prática do canto, da música e da religião como forma de formação e manutenção da cultura e da língua alemã, pontuando:

[...] as manifestações culturais ocorrem geralmente de forma integrada, pois os eventos historicamente vêm sendo organizados, na maioria das vezes, pela comunidade religiosa como os ‘kerb’ que se constituem espaços onde ocorrem apresentações de música – bandinhas, de corais e dos grupos de dança. Nesses eventos, as várias expressões de cultura – música, dança, e culinária – aparecem juntas no mesmo acontecimento (SOUZA, 2005, p. 107).

Considerada como um fator de extrema relevância para a manutenção da cultura, a língua alemã – que foi amplamente utilizada até a sua proibição nas escolas, cultos, ruas e lares, na década de 1930 – hoje é ensinada nas escolas de Nova Petrópolis. Isto proporciona uma melhor compreensão das manifestações folclóricas desenvolvidas pela comunidade, como danças típicas e canções (SOUZA, 2005).

Uma das maneiras de transmitir o idioma alemão, consistia na prática bastante comum adotada pelos avós de cultura germânica que contavam as suas experiências para os netos, o que permitiu “[...] passar o conhecimento do idioma alemão para as futuras gerações” (HECKLER, 2017, p. 42), preservando esta língua em seus diversos registros orais característicos de cada grupo. Representando essa prática, foi esculpida a estátua *Contando Histórias (Geschichten Erzählen)*.

As contribuições dos colonizadores alemães no campo sociocultural podem ser percebidas com as sociedades organizadas, clubes de tiro e ginástica, valorização do ensino e escola – “*Schule*”, a fé cristã dos evangélicos, o canto coral, as bandinhas, o “*Kerb*” e a tradição do pinheirinho de Natal – “*Weihnachtsbaum*”, as bolachas pintadas e também os ninhos feitos com flores onde o coelhinho da páscoa deposita os ovos pintados. Podem ser citados, também, o jogo de bolão, o atletismo, a natação, o arremesso de lança e outras modalidades esportivas. Os grupos

folclóricos também constituem uma característica da cultura germânica. A palavra “folclore” tem origem na língua alemã – “*Volkslehre*” e significa conhecimento, cultura popular (REINEHR, 2005). A figura 15 mostra a tradição da contação de histórias.

Figura 15 – Avô contando histórias



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Na culinária, os imigrantes trouxeram entre outras manifestações, a cuca, a linguiça – “*bockwurst*”, o “*waffel*”, a torta, as geleias de frutas, o queijo de porco, o chucrute – “*sauerkraut*”, a cerveja, o chopp, o “*bitter*”, o “*steinhager*”. No espeto corrido do churrasco gaúcho, a linguiçinha é uma contribuição dos alemães e o galeto, dos italianos (REINEHR, 2005).

Os velórios na colônia, de acordo com Vogt (2005), eram realizados nas residências, e somente com o advento dos salões comunitários é que as pessoas passaram a ser veladas fora de casa. Sendo assim, a casa do falecido servia também para hospedar aqueles que vinham de longe. Como nessa época todos os moradores se conheciam, a morte causava grande comoção na comunidade e representava uma ocasião para o reencontro de velhos conhecidos, amigos e parentes. Nessas ocasiões, num gesto de agradecimento da família enlutada, e acima de tudo por questões práticas, era preparada uma farta refeição, à base de pão, cuca, linguiça, queijo, ovos, café e galinhada, pois as longas distâncias e a precariedade dos meios de transporte impediam que as pessoas retornassem aos seus lares para fazer as refeições ou mesmo para dormir. Sobre a tradição de assar

pães ou cucas em forno a lenha (figura 16), Heckler (2017) descreve:

Aqui⁶ está representado um pouco da culinária germânica, onde a cuca ou o pão está saindo do forno a lenha. Também podemos ver a vestimenta típica: esta senhora está usando tamancos, a calça comprida por baixo do vestido ou da saia e um avental bordado. Também mostra as feições do rosto desta senhora já envelhecida e marcada pelo tempo.

Figura 16 – Forno a lenha



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Por meio da integração com a história oficial, da teoria de memória social e da exemplificação dos aspectos da memória cultural e coletiva, presentes na expografia em estudo, pretendeu-se apresentar aqui os valores culturais da imigração germânica de Nova Petrópolis reconstruídos no “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” e trazidos por esta pesquisa. A seguir, será apresentada a análise das entrevistas trabalhadas mediante a divisão de categorias de análise embasadas na teoria sobre cultura.

⁶ Referindo-se à estátua da figura 16.

4.3 Análise dos dados coletados através das entrevistas

4.3.1 Vínculos ideológicos, étnicos e afetivos que possam ter influenciado na proposta do espaço do parque

Esta categoria de análise visa o objeto de análise Memória Social. Assim, de acordo com Geertz (2008), a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem, que orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos (qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação que representa um significado) que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca. Compreender o homem e a cultura é interpretar essa teia de significados.

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p. 04).

Candau (2011) explicitou o papel da memória na formação da identidade de um grupo, afirmando que a memória é a sustentação da identidade. Muito mais do que registros factuais, a memória social é uma construção dinâmica que vai se amoldando aos posicionamentos ideológicos da comunidade. Neste sentido, transcrevemos aqui trechos das entrevistas realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa com o entrevistado 1 (2018).

“Eu sempre fui um apaixonado. Em 1997 ou 1998, eu fui o primeiro a juntar toda a família em um encontro. Eu sempre fui muito interessado nisso. Eu fico contente por estar representando a minha origem e resgatando um pouco da história. A história da cidade, de algumas datas e da origem dos nomes, que muitas vezes fica obscura para quem vem visitar. Aqui, ela fica bem explícita. É bacana ver essa satisfação que as pessoas sentem quando conseguem encontrar um poço das suas raízes [...]”.

“Foi então que começamos a criar um parque de esculturas. A ideia era contar uma história por intermédio das esculturas. Inicialmente, tínhamos cinco ideias de temática. Eu sempre fui apaixonado pela questão histórica. Daí meu irmão disse: Tu gostas tanto desta questão histórica, vamos contar a história da imigração do município. Não poderia ter sido escolhida outra temática melhor. Aí eu me debrucei sobre a literatura que tínhamos à disposição. Muito contato com historiadores, tanto da cidade, como da região. Com pessoas que já escreveram livros sobre o assunto e que conheciam as pessoas de mais idade da região [...]”.

“Um pai me falou que mudou totalmente a visão da sua filha em querer falar em alemão (a partir da visita ao parque). É importante a preservação disso. Do idioma, das tradições, da cultura. Infelizmente, a gente está perdendo isso [...]”.

Depreende-se da narrativa que o idealizador do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” lembra ser descendente de um casal de imigrantes aqui chegados em 1859, de origens prussiana e boêmia. Declarando-se de há muito um apaixonado pela história da saga dos imigrantes germânicos na região, foi o primeiro organizador de encontro da própria família, há vinte anos. Tendo exercido suas atividades laborais junto à indústria calçadista, foi a partir de 2011 que ele começou a acalantar a ideia do espaço das esculturas, no que foi muito incentivado pelo irmão, coproprietário do empreendimento. Tomada à decisão, Heckler partiu para uma pesquisa bibliográfica, tanto local, quanto junto à biblioteca da Unisinos. Dedicou-se, também, à coleta de material de famílias de descendentes de imigrantes, como relatos, documentos, fotografias.

Seu entusiasmo com o empreendimento é evidente. Mostra-se gratificado ao perceber a satisfação de visitantes locais quando estes encontram referências às suas raízes e são, através da exposição, apresentados à história, à origem dos nomes, e outros dados que os ligam à região. O espaço recebe, também, muitos turistas de várias regiões do País, desde sua inauguração, três anos e meio atrás. Nos últimos doze meses recebeu um total de mais de vinte mil visitantes. O Entrevistado 2 abordou:

“Eu identifico, porque minha avó materna era de ascendência germânica. Muitas coisas que recebi através da minha mãe, eu identifico em histórias que ela contava. História de construção de quando chegaram. Da própria construção social da época, coisas que a gente aprendeu através desse contato que eu tive com a história da minha avó, através da minha mãe [...]”.

“Na verdade, os proprietários arregimentaram historiadores da cidade e eles que criaram esse roteiro para os escultores produzirem as obras. Os guias não tiveram nenhuma participação. A gente só transmite a história. Não participamos dessa parte de criação do roteiro com dados históricos [...]”.

“Tem o Festival de Folclore, que é um evento bastante forte na nossa cidade e acontece todo ano. Temos também o Festival da Primavera (Frühlingsfest), que tem uma ligação paisagística. Nós levamos duas obras para lá para compor a paisagem do evento. Temos ainda muitas festas folclóricas do interior. O Kerb, por exemplo [...]”.

“O parque trata muito da tradição dos povos germânicos, então isso fica muito ligado a quase todos os eventos da cidade, até porque é uma cidade que produz muito evento ligado à imigração. Então, acaba o parque tendo uma ligação com quase todos os eventos [...]”.

Na narrativa, o entrevistado identifica no parque elementos de expressão cultural ligados às suas raízes étnicas pois, através das histórias contadas pela mãe, tomou conhecimento da construção social à época da imigração e das circunstâncias da chegada dos imigrantes, em especial da sua avó materna de origem germânica. Afirmando que não houve participação dos guias na coleta das fontes de pesquisa para a realização do projeto de criação do parque, o entrevistado lembra que os responsáveis pela criação do roteiro histórico que possibilitou aos escultores a produção das obras foram Valmor Heckler e o seu irmão, coproprietário do empreendimento, juntamente com historiadores do município de Nova Petrópolis. Entende que não conhecia bem a história e veio a conhecê-la quando passou a trabalhar no parque. Identifica vários eventos na região com o tema da imigração germânica, afirmando ser possível conectar o parque a praticamente todos os eventos do município.

De acordo com Hillebrand (2006) quando os alemães deixaram a terra de origem, enxergaram no Brasil a terra dos sonhos. Passado algum tempo em que estavam aqui, começaram a idealizar a terra natal, transmitindo aos descendentes uma imagem romântica do lugar de origem. “A idealização da terra natal dos primeiros imigrantes se tornou um mito que permanece vivo em seus descendentes, não existe quem não deseje conhecê-la” (HILLEBRAND, 2006, p. 72). Segundo o entrevistado 3 (2018):

“Eu sou de origem alemã. O meu pai e o meu vovô eram da Alemanha. A gente é de uma cruzada de alemão com italiano. Porque minha mãe é Canova. Um primo dela é de 1700 e pouco [...]”.

“Não. Dessa parte, eu fiquei fora. O Valmor, na época, tinha outro escultor. Eles me deixaram muito fora disso aí. Meu atelier é em Caxias do Sul. O Valmor procurava escultor. Primeiro, ele tinha feito negócio com o Rogério. Só que depois o Rogério não veio. Ele foi em vários lugares e não achava escultores. Eu tinha umas peças expostas num boliche. Foi aí que ele bateu lá em casa e me fez uma proposta. Só que daí eu tinha que vir para cá [...]”.

“Aquela lá embaixo, eu coloquei 17 pedras naquela escultura. Então eu fiz a primeira parte de 1,60 m no galpão, foi colocado lá com máquina, porque é super pesado. Eu copieei a parte de cima. Podes ver todos os

detalhes. Fui colocando as partes lá. [se referindo à estátua]. Eles estão vindo para o Brasil, do lado da mulher é o saco de roupa. Eles vinham com um 'malão'. A mulher tem um bebê no colo, o gurizinho na frente tem uma pomba na mão. O homem com o machado, que é uma das principais coisas que eles usavam quando entraram no Brasil para desmatar [...].

"Eu disse vamos colocar uma escultura, aquele com o chapéu erguido assim, com a enxada para baixo. É para dar as boas-vindas. E o outro que está plantando, porque no começo era tudo nesta base, plantavam milho, feijão arroz, botando a semente para eles [...]."

"Sim. Nova Petrópolis, Linha Brasil. Gramado tem alguma coisa. Canela já foge um pouco. Picada Café tem muita coisa sobre os alemães. Diferente de Caxias onde é raro ver uma flor, é raro ver uma choperia, e se tinha foi fechado. Nova Petrópolis sim, tem muito, tem bailes. Inclusive ali no restaurante Torquês. Ali é muito bonita a integração alemã com os turistas. Tem a banda, o senhor vestido com traje típico que recebe o turista. Isto é uma coisa muito boa que acontece aqui neste espaço, Nova Petrópolis, Linha Brasil, Linha Imperial. Também nesta região existe o respeito no trânsito. O povo, as pessoas se ajudam nos eventos e em geral. É bem diferente de Caxias, Porto Alegre, São Paulo, Brasília, lugares em que morei [...]."

O escultor e hoje residente do "Esculturas Parque Pedras do Silêncio" afirma identificar no parque elementos de expressão cultural ligados às suas raízes étnicas, uma vez que o seu avô foi um imigrante germânico. Não participou da coleta de dados para a criação do parque, afirmando que à época havia outro escultor e que somente posteriormente Valmor Heckler conheceu por acaso as suas peças de escultura, expostas em um boliche. Esculpia em madeira e concreto. Os desafios de trabalhar em pedra arenito foram vencidos e sente-se satisfeito com o reconhecimento do gestor do parque em relação ao seu trabalho.

Cristóvão Hullen já exerceu o seu ofício em grande parte do Brasil, Argentina, EUA e China. Recorda que começou a esculpir para acompanhar o irmão que havia começado a fazer esculturas em madeira como forma de entretenimento durante o período de convalescença de um acidente que havia sofrido. Algumas estátuas do parque foram esculpidas a partir de fotografias, mas muitas foram criadas pelo entrevistado.

O entrevistado também conta um pouco da história da imigração germânica através de uma grande estátua que representa a chegada de uma família de imigrantes em que o homem está com um machado na mão, por ser o principal instrumento para o desbravamento. Por sugestão dele, foi esculpida uma estátua masculina com um chapéu erguido desejando as "boas vindas" e na outra mão uma

enxada, em alusão ao início da colonização, quando foram plantadas as primeiras sementes de milho, feijão e arroz. Cristóvão Hullen identifica, em Nova Petrópolis e região, expressões de manifestação cultural germânica através do cultivo de flores, choperias, bailes e restaurantes que recebem turistas com bandas e trajes típicos. Cita ainda o comportamento de respeito no trânsito e a atitude de ajuda ao próximo, como características que diferenciam Nova Petrópolis de outros lugares em que morou, como Porto Alegre, Caxias, São Paulo e Brasília.

4.3.2 Parque privilegia e/ou relega determinados aspectos da memória germânica

Esta categoria de análise apresenta a análise do Parque. Para Zerubavel (2003) nem todos os acontecimentos são retidos em nossa memória, muitos eventos acabam sendo esquecidos. O ato de lembrar é mais do que um simples ato pessoal, pois é regulado por regras sociais que vão nortear o que devemos lembrar e o que devemos esquecer. Uma parte considerável da socialização mnemônica é exibida em museus. Neste contexto, objetos ou fotografias, por exemplo, constituem-se numa forma de capturar as imagens do passado. Bibliotecas, bibliografias, lendas folclóricas, álbuns de fotos e arquivos de televisão constituem-se em alguns dos meios úteis de acessar os locais de memória. A construção das memórias de um grupo, identificando-as com o seu passado coletivo, é parte do processo de aquisição de qualquer identidade social.

Candau (2011) afirma que o ser humano compartilha mais esquecimentos do que memórias. Esse compartilhamento se dá a partir da representação que faz de suas lembranças, que não reproduzem exatamente os fatos. Argumenta este autor que o esquecimento nem sempre é um inimigo da memória, algumas vezes se torna alentador, quando as lembranças são difíceis de serem suportadas. Em diálogo com estes autores de memória social, transcrevemos trechos das entrevistas realizadas. O entrevistado 1 (2018) destacou:

“No terceiro espaço nós temos rostos de imigrantes esculpidos. Eles foram feitos com base em fotografias de imigrantes pioneiros que vieram para Nova Petrópolis. É uma homenagem às pessoas que plantaram a semente de onde nasceu e germinou a cidade de Nova Petrópolis. Isso também, às vezes, causa polêmica. Esse processo é muito demorado, pinçado. Hoje, nós temos 25 rostos de imigrantes pioneiros esculpidos. Uma coisa bem bacana que às vezes a gente não se dá conta, e foi

motivo de muitos protestos, é que só tem rostos masculinos. Na hora, a gente não se deu conta disso. E qual a explicação que nós achamos? Há 200 anos, a cultura germânica era tão machista, quanto qualquer outra cultura. Não se tem o destaque da mulher. Tanto é que a grande maioria dos historiadores com que a gente falou eram mulheres. Mas era sempre o homem que era citado. Então, acabamos colocando apenas rostos masculinos. Lá no final nós colocamos uma homenagem à mulher imigrante [...]”.

“Hoje, muitas ideias ainda vão sendo acrescentadas. Quem fazia nascer as crianças? Era a parteira. Nas profissões, ela deveria estar lá. Na época, não surgiu essa ideia. Outra coisa: uma característica germânica. Os jardins floridos que eram feitos. Era o homem que fazia? Ainda são os espaços a serem trabalhados, a serem criados no parque [...]”.

“Também temos o espaço das tradições e culturas que foram trazidas por esses imigrantes, que ainda permanecem vivas entre nós. As danças típicas, o tiro ao alvo, o bolão. Também tem atividades importantes que hoje nós vemos que estão faltando. O coral, por exemplo, é muito forte e não está contemplado no parque [...]”.

Como resultado de um trabalho de garimpagem, estão expostos vinte e cinco rostos de imigrantes pioneiros esculpidos. Sobre isso, o idealizador do parque comenta que alguns protestos o alertaram para o fato de serem todos esses rostos masculinos. Reconhecendo a flagrante discriminação, lembra a natureza fortemente machista da cultura germânica à época da imigração. Comenta que muitos dos dados coletados lhe foram fornecidos por mulheres historiadoras, mas sempre com a ênfase sendo dada sobre a figura do homem. Feito esse reconhecimento, sua primeira iniciativa foi a de acrescentar à exposição à escultura de uma mulher imigrante, de pés descalços, representando a pioneira forte, trabalhadora e confiante no futuro. Outras iniciativas estão sendo projetadas, como, por exemplo, uma escultura representando a figura da parteira. Segundo o entrevistado 2 (2018):

“Nós temos uma percepção do que o público pede. Mais mulheres. Tem muito a figura masculina no parque. Por uma questão de justiça, o pessoal pede. Só que também o parque retrata um período em que a mulher aparecia pouco na sociedade. Mas eu acho que vamos colocar mais mulheres. Nós até já idealizamos algumas coisas para a gente conseguir colocar mais a figura da mulher para contentar esse público. Eu acho justo essa demanda e o pedido. Então, a gente vai acabar colocando mais mulheres no roteiro para fechar essa lacuna e não ficar o parque tão na figura masculina [...]”.

“Isso é uma coisa que me chamou muito atenção, de resgatar a história e contar aspectos dessa história que eram desconhecidos antes da maioria da população. Da maioria mesmo. Eu vejo muito as pessoas

impressionadas com detalhes e fatos dessa história que eles não conheciam [...]”.

De acordo com a percepção do entrevistado, o público reclama a presença de mais mulheres, que se encontra em menor número em relação à figura masculina. De acordo com a avaliação de Evandro, o parque retrata um período da história em que a figura feminina aparecia pouco na sociedade, mas mesmo assim, por uma questão que considera justa, está sendo idealizada a colocação de mais figuras femininas no roteiro, para atender aos anseios do público e fechar o que considera ser uma lacuna. Saliencia que um dos aspectos mais significativos daquele espaço cultural é o resgate da história ali realizado, com a disseminação do conhecimento de fatos históricos. Segundo o guia, a mesma percepção é manifestada pelo público após as visitas guiadas. Evandro entende que a história não é fixa, é constantemente recontada e que não existe uma verdade histórica. Ele observa a importância de resgatar a história e contar aspectos desconhecidos da maioria da população, que se impressiona ao tomar conhecimento de fatos antes desconhecidos. Conforme o entrevistado 3 (2018):

“No festival, esta primeira fui eu que fiz. Ela tem os olhos vendados, porque quando vieram para o Brasil os alemães não sabiam o que iriam encontrar. Então eu usei este tema, e foi a escultura mais votada [...]”.

“Eu faria tipo o que o Rogério fez: uma vovozinha puxando a cuca fora do forno. Fazer uma pessoa tirando leite de uma vaquinha, como era antigamente. São peças que eu acho que o turista gosta de ver. Hoje em dia não existe mais isso. Hoje em dia é só com máquina. Antigamente, tu debulhavas o milho. Pegava a espiga, tirava a palha e colocava lá. Tinham coisas à manivela. Tu tiravas todo o grão do milho. Fazer uma pessoa com uma máquina. Tem mais coisas que o parque poderia acrescentar, que é dos alemães [...]”.

“Essa parte de quando eles chegaram. Desmatando para abrir caminho, com as mulas. As etapas do agricultor. Os rostos. Tu olhas a foto e olha a escultura não parece à mesma pessoa. São tudo pessoas que passaram por aqui. Pessoas já falecidas, mas eram pessoas de nome. O que eu acho que ele deveria ter feito é fazer as pessoas como elas eram. Eu fiz vários bustos. Eu acho algumas esculturas muito pobres. Eu fiz uma pessoa daqui. Quando a escultura foi inaugurada, tinha duas ou três pessoas. E um que tu olhavas era idêntico ao que fiz ali. O cara veio aqui e disse: como tu não me conhecias e tu me fizeste? O cara ficou todo o tempo ali de ‘boca aberta’. Ele se enxergou naquela escultura. Isso seria um ponto mais válido. Os arados para lavrar a terra, antigamente eram com bois. Isso eu também queria que ele fizesse aqui. Uma escultura

colocando flores na carroça e que na frente o turista pudesse subir e tirar fotos [...]”.

O escultor participou do primeiro Festival de Esculturas promovido em novembro de 2016, no segundo aniversário do parque, do qual participaram uma escultora da Alemanha e três do Rio Grande do Sul. Na ocasião, esculpiu uma figura com os olhos vendados para representar as condições em que os alemães vieram para o Brasil, quando não sabiam o que iriam encontrar. Disse que, se pudesse escolher uma representação, esculpiria uma pessoa tirando o leite da vaca (relembra a mãe realizando a ordenha da vaca) porque entende que atenderia uma expectativa do turista por representar uma cena rara, pois atualmente o leite é extraído da vaca através de máquinas. Outra obra do seu interesse seria a representação de uma pessoa debulhando o milho à época, cujo grão era retirado com um instrumento de manivela.

Cristóvão Hullen (2018) manifestou que um dos aspectos mais significativos daquele espaço cultural é a representação, no “[...] espaço da saga dos imigrantes”, das condições da viagem, as dificuldades encontradas na chegada, a viagem de desbravamento com mulas. No “espaço das profissões” destacou o agricultor, e identifica ainda a estátua grande que representa a chegada da família com o nenê no colo e uma trouxa de roupas. Entende que, na representação de rostos, deve-se ter o cuidado de esculpi-los o mais parecido possível, para que a pessoa identifique o antepassado ou se identifique naquela representação. Diz ainda que gostaria de ver representado no parque um arado com bois, e entende que contentaria o turista a colocação de uma carroça com flores para foto de recordação do parque.

Do exposto, vale remeter a Blume (2010), quando este se refere à construção de identidade através da manutenção de certas referências como, por exemplo, símbolos e lugares, revigorando laços através da criação de locais de preservação dessas referências.

4.3.3 Produto

Esta categoria de análise pretende descrever o objeto de análise Entretenimento Infantil. O produto deste trabalho foi inspirado na constatação de que o “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” não estão sendo suficientemente

aproveitado no sentido de enriquecer a educação patrimonial das crianças daquela região. Isto é confirmado pelo próprio idealizador do projeto ao manifestar, em entrevista à autora, sua frustração em não estar conseguindo atingir plenamente esse objetivo. Portanto, procuramos criar um instrumento lúdico educativo que coloque o conteúdo do parque em um nível compreensível para o público infantil, promovendo entre seus membros uma ressignificação do contexto histórico de seus antepassados.

Ao introduzir o conceito de ressignificação, Bourdieu (1998) propõe-se a compreender a sociedade a partir de alguns conceitos básicos que são os limites do campo social, dos diferentes capitais e do *habitus*. Este aparato conceitual é aqui apropriado para compreender o conceito de ressignificação e de reconversão. Assim é necessário entender o que é espaço social. O *habitus* constitui a maneira das pessoas de perceberem, julgarem e valorizarem o mundo e conforma a nossa forma de agir, corporal e materialmente. Segundo o entrevistado 1 (2018):

“Oferecer essa experiência para crianças agrega muito ao parque. Tivemos algumas escolas visitando. Por falha nossa, por não saber orientar direito as crianças, no sentido de quais são as regras, tivemos experiências ruins com escolas, inclusive com esculturas quebradas. Tivemos um dente de leão de uma escultura quebrado, além de bagunças na caixa de sugestões do parque. Fiz contato com a diretora dessa escola. Ela me pediu mil desculpas, pois se tratava de uma turma problemática. Em função de nós não estarmos muito bem preparados para receber esses alunos, fizemos uma parceria com o Colégio Bom Pastor, de Nova Petrópolis. Eles recebem os grupos de escola, que passam o dia num sítio, onde eles tratam animais e fazem trilhas ecológicas. Num destes roteiros, está incluso também uma visita ao ‘Esculturas Parque Pedras do Silêncio’[...]”.

“Eu acho que é uma semente importantíssima de ser plantada. Se nós tivermos uma maneira de ser feito isso, de forma mais bem orientada, eu ficaria super contente também. Temos muitas visitas de pessoas que gostam de contemplar o silêncio e olhar as esculturas. Então, precisamos ter horários diferentes. Hoje, nós fazemos as visitas de escolas nos dias de menor movimentação ou fora do horário de visitas normais [...]”.

O proprietário e criador do espaço relata as dificuldades encontradas ao receber visitantes infantis. Informa sobre tratativas em andamento com a Secretaria de Educação e Cultura de Nova Petrópolis no sentido de organizar visitas visando a esse público, de forma a melhor direcionar o interesse das crianças para o tema da história da imigração. Foi cogitada a realização de um concurso em que a

criatividade das crianças seja estimulada. Nesse sentido, o produto desta Dissertação virá acrescentar uma importante contribuição à iniciativa. Manifestando sua percepção de que ainda há que aprimorar a forma como as crianças realizam suas visitas, o idealizador avalia o produto como um recurso importante a ser agregado. Além disso, já está sendo construído um espaço dedicado às crianças, onde elas encontrarão esculturas de animais da fauna local. Conforme o entrevistado 2 (2018):

“Pelo aspecto histórico, as crianças não se interessam muito, até pela nossa forma de contar a história. Ela não é tão voltada ao público infantil. Temos um espaço dentro do bosque, com animais, que é um espaço mais lúdico que eles gostam. E aí a gente explica que eram animais que tinham na época que os imigrantes chegaram. Essa é uma parte que até agrada as crianças. Mas do ponto principal do parque, que é contar a história da imigração germânica na região, ainda não está muito afinado com o olhar infantil [...]”.

“Eu acho uma grande ideia, porque é o que falta pra gente. A maneira de falar para as crianças. A gente não tem essa linguagem. Eu acho que a gente teria dificuldade de fazer. Teríamos que encomendar com alguém para fazer, porque não temos esse tato, esse jeito de contar história para criança. Parece muito fácil, mas não é. Eu tenho uma filha de 12 anos e sei como é difícil explicar algumas coisas para as crianças. Eu acho que seria interessante um livro nesse estilo [...]”.

O entrevistado diz que o percentual de crianças que visita o parque é baixo, ficando em torno de 10% do total de visitantes. Reconhece que as crianças não se interessam muito pelo aspecto histórico e aponta que um dos motivos seria a abordagem da visita guiada, que não é voltada para o público infantil. As crianças têm preferência pelo espaço dentro do bosque com característica mais lúdica, que apresenta estátuas de animais da fauna local. Manifestando a dificuldade de atrair o olhar desse público pela falta de uma linguagem infantil na visita, Evandro recebe com entusiasmo o produto desta Dissertação. Assim sendo, o livro de atividades do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, que dentre outras atividades prevê um roteiro de visita específico, será, segundo ele, um importante aliado para afinar o conteúdo dos aspectos históricos da imigração germânica ao entendimento das crianças. Segundo o entrevistado 3 (2018):

“Eu acho que sim. Não totalmente, mas a maioria iria gostar. Principalmente bichos, que a criançada se interessa mais. Eu nunca fiz

esse teste. Às vezes, vêm as escolinhas. Deveria estar metido dentro para ver o que a gurizada fala. Eles gostam de ver o que está fazendo e bastante os bichos. Eu não sei como, ao certo, tu poderias elaborar. O ideal é fazer um teste. Pegar a gurizada e sair por aí para ver o que falam. Daí se consegue juntar alguma coisa. E acho que seria bom com a gurizada [...].”

“A gurizada não presta atenção no significado das esculturas. Eles não ficam ali escutando. Agora, onde tem coisas que interessam para eles, aí eles ficam [...].”

O escultor reconhece que as crianças não se interessam muito pelo aspecto histórico e entende que o espaço lúdico de animais, sugerido e criado por ele, é a atração que mais chama a atenção deste tipo de público. Outro interesse das crianças, segundo Hullen (2018), é o trabalho de confecção das estátuas. Não recebeu a ideia do produto final com o mesmo entusiasmo manifestado por Valmor Heckler e Evandro Nunes de Lima, mas entende que o Livro de Atividades do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, que dentre outras atividades prevê um roteiro de visita específico, poderia ajudar para que as crianças se interessassem pelo conteúdo dos aspectos históricos da imigração germânica.

É importante relatar que Valmor Heckler continua trabalhando na expansão de seu espaço cultural, demonstrando a determinação de preencher vazios de memória. As percepções do guia sobre a importância da continuidade do trabalho para a expansão do parque vão ao encontro dessas ideias. O guia entende a importância da colocação de mais mulheres, por exemplo, para atender as solicitações do público e preencher espaços vazios de memória. As manifestações do escultor sobre a importância da continuidade do trabalho para a expansão do parque coincidem com as manifestações dos outros dois entrevistados. Mesmo com motivações diferentes, pois na fala do escultor a vontade de acrescentar a estátua feminina vem da recordação de infância (da mãe que tirava o leite da vaca), é igualmente percebido um vazio de memória a ser preenchido.

Em relação ao livro de atividades do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, entende-se que este produto de pesquisa pretende contemplar uma questão colocada pelo idealizador do parque, que revela na entrevista a dificuldade que tem encontrado em contextualizar o objetivo de sua obra junto ao público infantil. Esta questão é corroborada pelos outros entrevistados, ao manifestarem a dificuldade de encontrar a linguagem adequada para contar a história da imigração germânica para o público infantil.

A visão geral apresentada neste capítulo contextualizou o caso em estudo no quadro histórico do assentamento, na região de Nova Petrópolis, de uma comunidade de origem germânica integrada ao meio que a acolheu. O estudo do projeto “Esculturas Parque Pedras do Silêncio” permitiu fazer uma avaliação bastante completa da construção da memória social daquela comunidade e das ressignificações induzidas pela iniciativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral o de investigar um caso de reconstrução social de memória, especificamente, o caso do projeto “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, iniciativa empresarial, de cunho turístico, que se propõe a contribuir para a fixação da memória social, de acordo com a concepção de Halbwachs (1990), de uma comunidade descendente de imigrantes germânicos.

A principal fonte de dados foi a coleção de esculturas dispostas no espaço do projeto, e as circunstâncias e os protagonistas que levaram à sua criação. Para isso, iniciamos o estudo investigando o histórico da região, desde o início da imigração até os dias atuais. Desta forma, ficou evidenciada a pertinência da ideia da construção do empreendimento, uma iniciativa que trouxe àquela comunidade um apelo ao reconhecimento de suas origens, através de uma instalação pedagógica mais atraente do que os tradicionais monumentos e museus.

Buscando o entendimento da memória presente na reconstrução do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, bem como a relevância do produto a ser oferecido, procedeu-se a entrevistas com o gestor e colaboradores do parque. As entrevistas basearam-se em roteiros previamente estabelecidos e os temas norteadores das questões colocadas obedeceram a três categorias: 1) vínculos ideológicos, étnicos e afetivos que possam ter influenciado na proposta do espaço; 2) parque/museu privilegia e/ou relega determinados aspectos da memória germânica; 3) entretenimento infantil.

Os três entrevistados ressaltaram a dificuldade em despertar o interesse do público infantil pelos aspectos históricos. Um espaço lúdico de animais, sugerido e criado pelo escultor, é a atração que mais chama a atenção das crianças. Este entrevistado ressaltou que um aspecto que também despertou o interesse das crianças foi o trabalho de confecção das esculturas. Os entrevistados foram unânimes em concordar que um Livro de Atividades do “Esculturas Parque Pedras do Silêncio”, que, dentre outras atividades prevê um roteiro de visita específico, poderá ajudar para que as crianças se interessem pelo conteúdo dos aspectos históricos da imigração germânica.

Outra visão comum aos três entrevistados é a necessidade de se continuar trabalhando na expansão do espaço cultural, na determinação de se preencher vazios de memória. A importância de se ampliar a expografia com colocação de

mais esculturas femininas, por exemplo, é vista pelos três como uma ação a ser adotada imediatamente.

O primeiro objetivo específico, o de identificar parte da memória social ressaltada para os visitantes do parque, questão sempre presente em memoriais (ZERUBAVEL, 2003), foi plenamente alcançado quando detectados os elementos identitários explicitados nas esculturas.

O segundo objetivo específico foi atingido ao avaliarmos a gestão do projeto através de entrevistas de seus protagonistas. A partir disso, foi possível relatar todo o histórico do surgimento da ideia, da obtenção de dados através de fontes locais, da escolha dos temas da expografia, das memórias a serem ressaltadas e ressignificadas.

A elaboração do produto deste trabalho, um livro educativo de entretenimento infantil que colabore com a construção da ressignificação de memórias da comunidade local descendente de imigrantes germânicos, resultou no texto apresentado no Apêndice C, já aprovado pelo idealizador do parque, que o editará e o disponibilizará ao público infantil visitante do projeto, tornando-o componente integrante das visitas guiadas para crianças.

Finalmente, é de se ressaltar que, ao longo deste trabalho, algumas limitações aconteceram; contudo, muitas outras questões de interesse acadêmico surgiram de forma natural e espontânea. Uma destas questões, a que mais instigou a autora, é a da influência e importância, na memória social da comunidade estudada, da figura do Padre Amstad. O pioneirismo, a liderança e a visão social deste personagem merecem estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, C. V. Comunicação privada, 2017.
- AMSTAD, T (Org.). (1999). **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul-1824-1924**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- ASHTON, M. S. G. Parques temáticos. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 11, p. 64-74, dez. 1999. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3052/2330>>. Acesso em: 25 dez. 2018.
- ASSMANN, A. A secularização da memória: Memória, fama, história. In: ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. Campinas: Unicamp, 2011.
- ASSMANN, J.; ASSMANN, A. Memória Cultural: o vínculo entre o passado, presente e futuro. **Instituto de Estudos Avançados da USP**, São Paulo, 23 de maio 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- BARROS, E. C.; LANDO, A. M. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica**. Porto Alegre: Movimento, 1976.
- BLUME, S. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes do cotidiano**. 2010. 271 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico; revoga a Lei no 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei no 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei no 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2012.

DEBARY, O. **Antropologia dos restos**: da lixeira ao museu. Pelotas: UM2 Comunicação, 2017. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

DOURADO, F. Memória cultural: o vínculo entre o passado, presente e futuro. **Instituto de Estudos Avançados da USP**, São Paulo, 23 maio 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ESCULTURAS PARQUE PEDRAS DO SILÊNCIO. Disponível em: <<http://www.pedrasdosilencio.com.br/>>. Acesso em: 24 set. 2016.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo** Dicionário da Língua Portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In*: GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 03-21.

GEHRKE, C. **Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS**: representações do cotidiano nas fotografias e depoimentos orais do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. 2013. 374 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Cristiano-Gehrke.pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, J. R. S. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0211.pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

GONÇALVES, J. R. S. Os limites do patrimônio. *In*: LIMA FILHO, M. F., ECKERT, C.; BELTRÃO, J. (Orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural**: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: ABA; Nova Letra, 2007.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HECKLER, V. (Org.) **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia; São Leopoldo: Oikos, 2017.

HECKLER, V. **Catálogo guia de esculturas**. Nova Petrópolis: Esculturas Parque Pedras do Silêncio, 2016.

HECKLER, V. **Entrevista a Denise Anschau Rodrigues Mors**. 2018. Entrevista gravada em celular, no formato MP3.

HILLEBRAND, A. A.; HILLEBRAND, O. (Coords.). **Os boêmios em Nova Petrópolis: Rio Grande do Sul, Brasil**. Nova Petrópolis: Associação dos Descendentes de Imigrantes da Boêmia, 2013.

HILLEBRAND, M. **Cantos tradicionais: uma leitura da cultura germânica**. 2006. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/118>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

HOBSBAWN, E. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

HULLEN, Cristóvão. **Entrevista a Denise Anschau Rodrigues Mors**. 2018. Entrevista gravada em celular, no formato MP3.

IPHAN. **Educação patrimonial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

IZQUIERDO, I. **Memórias**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LENHARD, R. **Sociologia geral**. São Paulo: Pioneira, 1971.

LIMA, Evandro Nunes de. **Entrevista a Denise Anschau Rodrigues Mors**. 2018. Entrevista gravada em celular, no formato MP3.

MANDEL, Michael J.; LANDLER, Mark. The entertainment economy. **Business Week**, [s. l., s. n.], 12 mar. 1994. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/1994-03-13/the-entertainment-economy>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MORAES, R. Análise de conteúdo: limites e possibilidades. In: ENGERS, M. E. A. (Org). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUCSP, 1993.

OLIVEIRA, C. **O ambiente urbano e a formação da criança**. São Paulo: Aleph, 2004.

PAZ, I. N. (Coord). **Nova Petrópolis: da submissão à rebeldia (1858-1937)**. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.

PICOLLO, H. I. L. **Contribuição para a história de Nova Petrópolis: colonização e evolução da colônia**. Caixas do Sul: EDUCS, 1989.

PINTO, M. A. L. (Org.). **Psicopedagogia: diversas faces, múltiplos olhares**. São Paulo: Olho d' água, 2003.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, H. Pedras contam a história da imigração alemã em Nova Petrópolis. **Correio do Povo**, 10 dez. 2016. Disponível em: <<http://correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2016/12/605107/Pedras-contam-a-historia-da-imigracao-alema-em-Nova-Petropolis>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

REINEHR, A. A cultura alemã no dia-a-dia dos brasileiros. *In*: ARENDT, I. C.; WITT, M. A. (Orgs.). **História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã**. São Leopoldo: Oikos, 2005.

SCARTEZINI, N. Introdução ao Método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo**, [s. l., s. n.], p. 25-37, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5159>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

SETTON, M. da G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista brasileira de educação**, São Paulo, n. 20, p. 60-70, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005>. Acesso em: 25 dez. 2018.

SOJA, E. **Thirdspace: journeys to Los Angeles and other realandimagined places**. Cambridge: Blackwell, 1996.

SOUZA, M. V. de. **“Reinvenção das tradições” e promoção do turismo – estratégias diferenciadas de mercantilização da identidade cultural: os casos de Nova Petrópolis e São Francisco de Paula no Rio Grande do Sul**. 2005. 230 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5743/000474512.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

TORINO, I. H. da C. A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [s. l., s. n.], dez. 2013. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/26/memoria-social.html>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

VOGT, O. P. A morte entre os descendentes de imigrantes boêmios de Venâncio Aires, RS. *In*: ARENDT, I. C.; WITT, M. A. (Orgs.). **História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã**. São Leopoldo: Oikos, 2005.

WITT, M. A. **Em busca de um lugar ao sol: políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul – Século XIX)**. 2008. 428 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2546>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

ZERUBAVEL, E. **Time maps: collective memory and the social shape of the past**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

APÊNDICE A – Termo de cessão de direitos da entrevista



Credenciamento: Portaria N° 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

Programas de Pós-Graduação da Universidade LaSalle/Canoas.

Memória Social e Bens Culturais.

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade LaSalle, Canoas, Rio Grande do Sul. Estou realizando entrevistas sob orientação da Profa. Dra. Margarete Panerai Araujo, cujo levantamento de dados servirá para compor a minha pesquisa de Mestrado intitulada: **“Memórias e produtos culturais que reconstroem identidades: a comunidade germânica nas esculturas do Parque Pedras do Silêncio (Nova Petrópolis – RS)”**.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Este documento me autoriza a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, “fragmentos de memórias” do mencionado depoimento, editado ou não, para compor parte do produto final.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pesquisadora Denise Anschau Rodrigues Mors, fone (51)98453-8815, e-mail denisermors@gmail.com.

Nova Petrópolis, de de 2018.

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Declaro que aceito ter o meu nome divulgado no trabalho final (dissertação) desta pesquisa.

Nova Petrópolis, de de 2018.

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista



Credenciamento: Portaria Nº 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

Programas de Pós-Graduação da Universidade LaSalle /Canoas.

Memória Social e Bens Culturais.

1) PERFIL DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome:

Atividade no parque:

Tempo de atuação:

2) TEMAS NORTEADORES DAS QUESTÕES DA ENTREVISTA (CATEGORIAS)

Categoria 1: Vínculos ideológicos, étnicos e afetivos que possam ter influenciado na proposta do espaço do parque/museu.

- Você identifica nesse parque uma expressão cultural ligada às suas raízes étnicas? Caso afirmativo, quais os aspectos do parque com que você mais se identifica?
- Você participou da coleta das fontes de pesquisa para a realização do projeto de criação do parque? Caso afirmativo, de que forma?
- Que eventos na região tratam de tema ligado ao tratado pelo parque?

Categoria 2: Parque/museu privilegia e/ou relega determinados aspectos da memória germânica.

- Se lhe fosse solicitado, quais novas esculturas você sugeriria para o parque?

- Quais os aspectos deste espaço sociocultural que você salientaria como mais significativo?

Categoria 3: Entretenimento infantil. (Perguntas dirigidas ao guia.)

- Do universo de visitantes, qual o percentual de crianças?

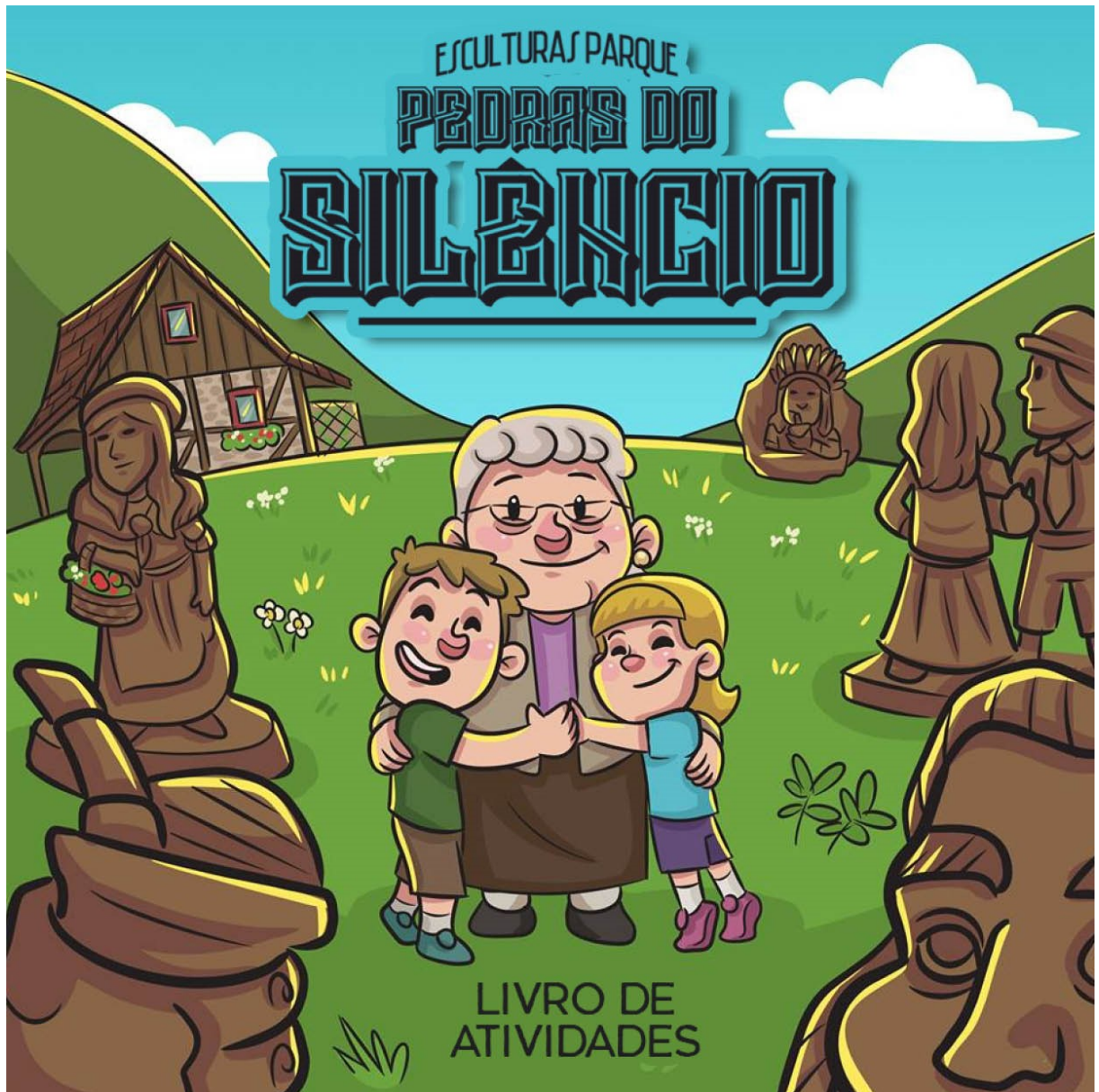
- Qual sua percepção sobre o aprendizado das crianças?

- Nosso projeto prevê a elaboração de um livro de atividades infantis cujo conteúdo sugere um roteiro de visita para as crianças. Você acha que isso incentivaria o envolvimento das crianças com a proposta do parque?

Finalizando:

Algo a acrescentar sobre essa pesquisa e seu produto?

APÊNDICE C – Produto Cultural: Livro de Atividades de Entretenimento Infantil



Este Livro de Atividades é o produto da Dissertação de Mestrado de **Denise Anschau Rodrigues Mors** junto ao Programa de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da **Universidade LaSalle**. Sua publicação final, em forma de livro, será realizada pelo idealizador do espaço “**Esculturas Parque Pedras do Silêncio**”, **Valmor Heckler**.

Concepção: Denise Anschau Rodrigues Mors

Roteiro e textos: Guilherme “Smee” Sfredo Miorando

Ilustração: Thiago da Silva Krening

Projeto gráfico e diagramação: Guilherme “Smee” Sfredo Miorando

Capa: Guilherme “Smee” Sfredo Miorando, sobre ilustração de Thiago da Silva Krening

Revisora: Denise Anschau Rodrigues Mors

Orientação: Margarete Panerai Araújo



SEJAM BEM-VINDAS,
CRIANÇAS!
ENQUANTO ESPERAMOS
SEUS PAIS CHEGAREM,
EU QUERIA CONTAR UM
POUQUINHO MAIS SOBRE
O PASSADO DA FAMÍLIA
DE VOCÊS.

SABIAM QUE NOSSOS
ANTEPASSADOS VIERAM
DA ALEMANHA? UM PAÍS
QUE FICA LÁ LONGE, NA
EUROPA? E QUE PRECISA
ATRAVESSAR TODO O
OCEANO PARA CHEGAR LÁ?

ELES VIERAM PARA O
BRASIL PARA TENTAR
UMA VIDA MELHOR DO
QUE A QUE TINHAM LÁ.
VENHAM, VENHAM, VOU
CONTAR PARA VOCÊS!



AS PESSOAS QUE VIERAM DA ALEMANHA PARA O BRASIL SÃO CHAMADAS DE IMIGRANTES, PORQUE ELAS ESCOLHERAM TROCAR A SUA CASA POR UMA VIDA EM LUGAR BEM LONGE DE ONDE ESTAVAM ACOSTUMADAS A VIVER.

ALGUNS IMIGRANTES ALEMÃES, POR UMA QUESTÃO DE ECONOMIA, SÓ TINHAM DUAS MUDAS DE ROUPA. UMA, ELAS USAVAM PARA TRABALHAR TODOS OS DIAS.

A OUTRA ERA A ROUPA PARA MOMENTOS ESPECIAIS, COMO CASAMENTOS, BATIZADOS, FESTAS E ENTERROS. OS HOMENS USAVAM CHAPÉU QUASE TODOS OS DIAS E ERA MÁ EDUCAÇÃO COMER USANDO UM CHAPÉU.



CIRCLE AS ROUPAS QUE VOCÊ ACHA QUE ERAM DA ÉPOCA DA IMIGRAÇÃO. A RESPOSTA ESTÁ NO FINAL DESTES LIVRO.

A CARTINHA
QUE SEU BISAVÔ
MANDOU PARA
SUA BISAVÓ DIZIA
O SEGUINTE:

QUERIDA, _____!

FINALMENTE CHEGAMOS NO NOVO MUNDO!
AQUI TEMOS TERRAS MUITO _____
PERTO DOS RIOS PARA DESBRAVAR, PLANTAR,
CRIAR ANIMAIS E COLHER. TUDO É UMA
_____. COMO CONTARAM PARA
NÓS DO BRASIL, PERCEBEMOS COMO ESSE
LUGAR SE PARECE COM _____. LOGO,
VOCÊ E NOSSOS REBENTOS, _____, O
CACULA _____ E A PEQUENA
VÃO PODER VIR PARA CÁ! VOCÊ VAI FAZER
_____, E ELAS VÃO
BRINCAR MUITO DE _____. ONDE
VOCÊS ESTÃO A VIDA É MUITO DIFÍCIL,
QUANDO CHEGAREM AQUI VÃO VER O
QUANTO VAI SER _____!

COM TODO MEU AMOR,
SEU MARIDO, _____.

COMPLETE A CARTINHA
DO BISAVÔ COM NOMES E
QUALIDADES QUE VOCÊ
ACHAR QUE VÃO DEIXAR A
HISTÓRIA MAIS BONITA.

A TRAVESSIA DO
PESSOAL COMO O
DA NOSSA FAMÍLIA
FOI LONGA. ELES
DEMORAVAM
TRÊS MESES
PARA CHEGAR DA
EUROPA ATÉ O RIO
GRANDE DO SUL.

DESENHE, SOBRE
O BARCO, OS PASSAGEIROS
IMIGRANTES QUE VIERAM DA
ALEMANHA ATÉ NOVA
PETRÓPOLIS.

ALGUMAS VEZES
FALTAVA ATÉ COMIDA
E BEBIDA. OU TINHAM
DE COMER REPOLHO
EM CONSERVA POR
DIAS E DIAS!

UMA VEZ CHEGADOS, ESSES IMIGRANTES VINHAM DE
PORTO ALEGRE ATÉ NOVA PETRÓPOLIS NO LOMBO DE
BURROS E AQUI INSTALAVAM SUAS CASAS. UMA LONGA
E DURA JORNADA DOS NOSSOS ANTEPASSADOS!

VEJAM COMO ERA
DIFERENTE NAQUELES
DIAS. HOJE, A VOVÓ AQUI
TRABALHOU NO BANCO,
E A SUA MÃE É DENTISTA.

MAS, NAQUELE TEMPO, AS MULHERES FICAVAM EM CASA
CUIDANDO DOS FILHOS, FAZENDO COMIDA, LAVANDO ROUPA,
COSTURANDO, E TAMBÉM AJUDANDO NA LAVOURA. OS
HOMENS TRABALHAVAM O DIA TODO FORA DE CASA. TODOS,
NAS CASAS DE NOVA PETRÓPOLIS, FALAVAM O ALEMÃO.



LIGUE OS PONTOS
E DESCUBRA O QUE ESTA
MULHER ESTÁ FAZENDO! A
RESPOSTA ESTÁ NO FINAL
DO LIVRO!

VAMOS JOGAR!

PEGUE UM DADO E MOEDAS PARA MARCAR SUA POSIÇÃO NO TABULEIRO E JOGUE ESTE DIVERTIDO JOGO QUE MOSTRA O PERCURSO QUE O NAVIO DOS IMIGRANTES FEZ DA ALEMANHA ATÉ O BRASIL!

Hoje tem chucrute! Vamos sentar aqui e comer!



O navio apitou forte e te deixou tonto. É melhor parar e descansar.



O chucrute não caiu bem, volte quatro casas para o banheiro!

Mar parado. Navio parado. Você também fica parado.

Estamos chegando! Oba! Ande mais duas casas!

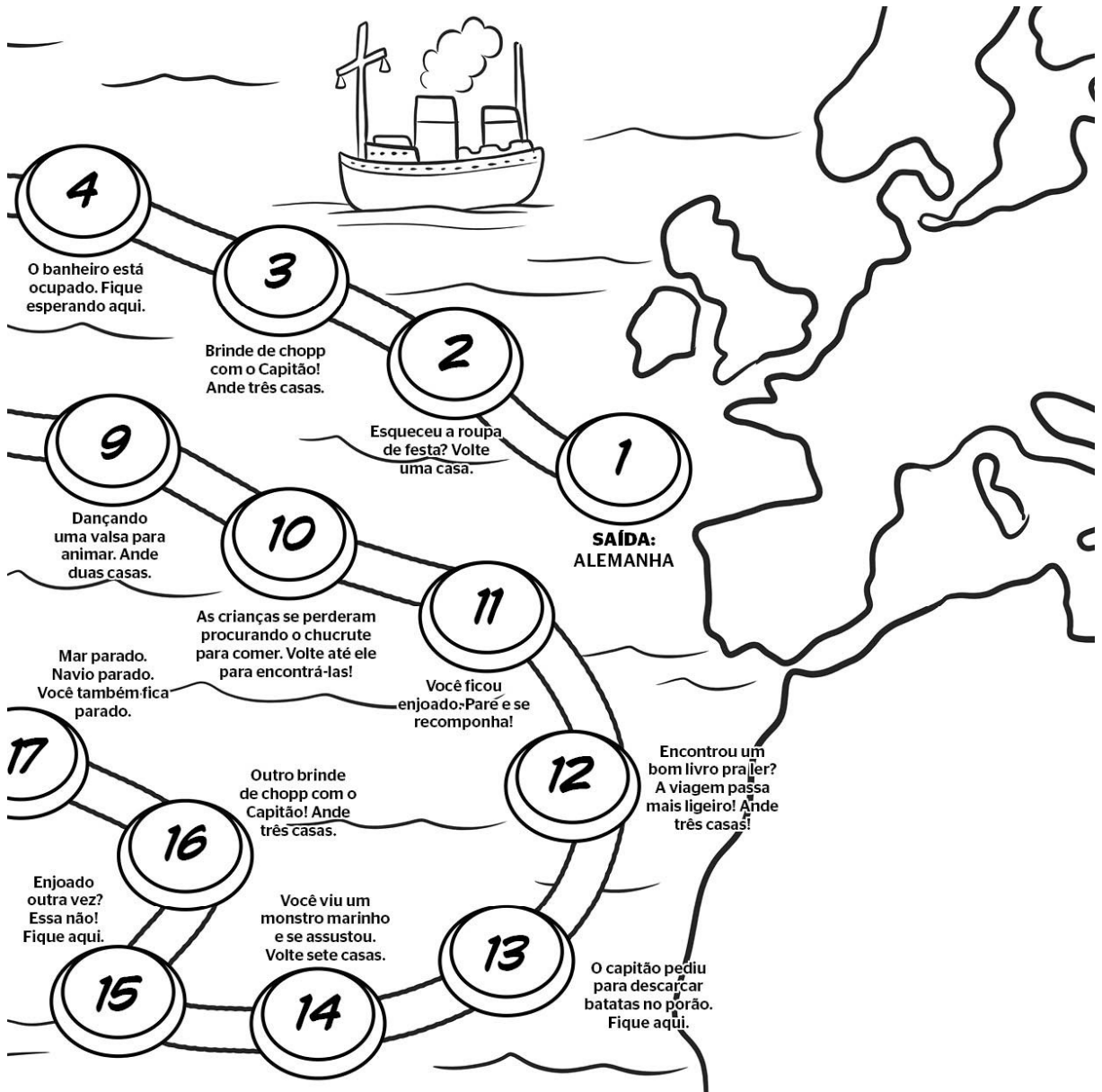


Bateu aquele nervosismo da chegada e você paralisou. Espere aqui.



CHEGADA:
BRASIL

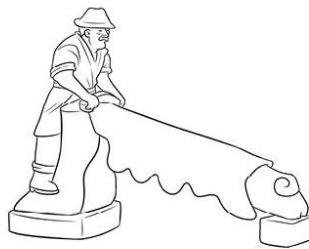




DESCUBRA AS
PROFISSÕES MOSTRADAS
NESTA PÁGINA! SUBSTITUA OS
SÍMBOLOS PELAS LETRAS
QUE ESTÃO NA TABELA
ABAIXO! AS RESPOSTAS
ESTÃO NO FINAL
DO LIVRO!



- | | | | |
|---|---|---|---|
| ⊙ | A | ◐ | P |
| ★ | C | ◇ | R |
| ☾ | D | ⊕ | S |
| ⊗ | E | ◻ | T |
| ♥ | F | ◐ | Z |
| △ | I | ◑ | U |
| ▽ | L | ■ | H |
| ⊕ | N | | |
| ⊕ | O | | |



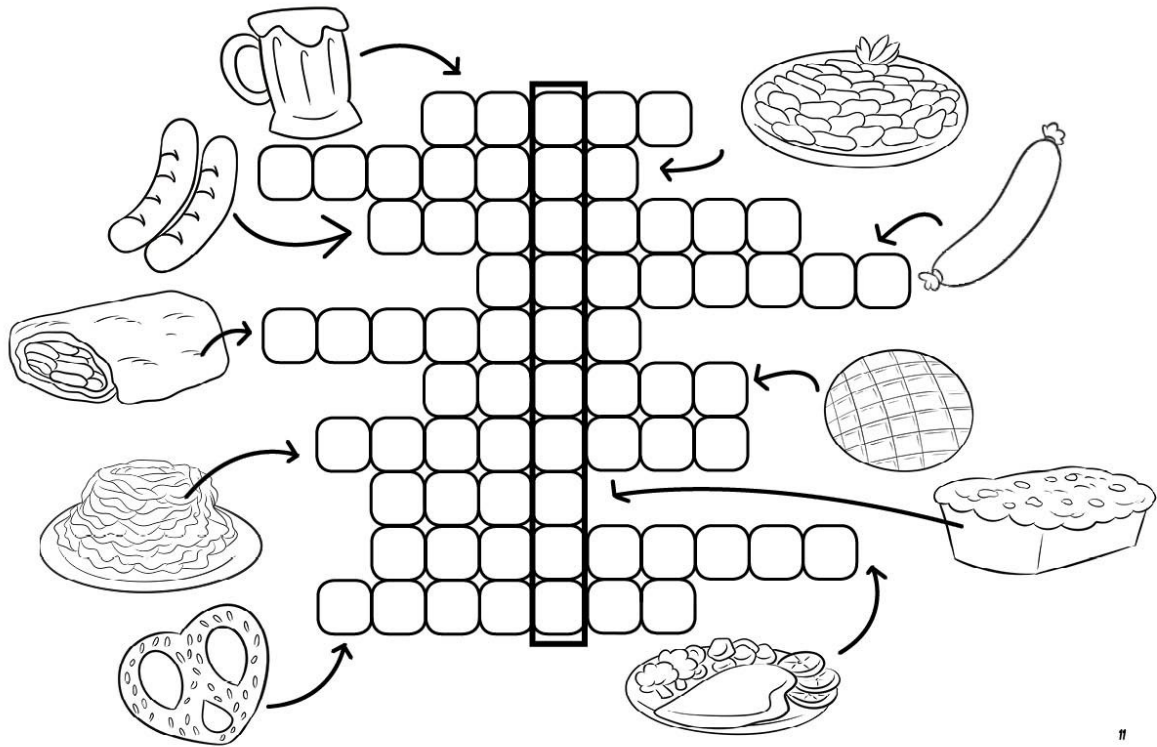
**NEM TODOS IMIGRANTES
TRABALHAVAM NO CAMPO. MUITOS
TINHAM OUTRAS PROFISSÕES,
COMO ALFAIATES, CARPINTEIROS,
CURTIDORES, NEGOCIANTES,
SAPATEIROS.**

**MAS ELES TIVERAM DE ABANDONAR
SUAS PROFISSÕES PARA SE DEDICAR AO
TRABALHO NO CAMPO, PARA GARANTIR O
SUSTENTO DA FAMÍLIA. DEPOIS DE ALGUNS
ANOS OS IMIGRANTES RETOMARAM SUAS
PROFISSÕES ORIGINAIS.**

TANTO HOMENS QUANTO MULHERES SABIAM PREPARAR DELICIOSAS COMIDAS E BEBIDAS TÍPICAS. O CHOPP, QUE HOJE SEUS PAIS BEBEM, VEIO COM ELES. E TAMBÉM A SALSICHA! ESSE PÃO DOCE, QUE

NÓS CHAMAMOS DE CUCA, VEIO COM ELES. TAMBÉM TROUXERAM O CHUCRUTE, O WAFFLE, O STRUDEL, O SCHINITZEL, A LINGUIÇA, O SPÄTZEL, O PRETZEL, COMIDAS PERFEITAS PARA DIAS FRIOS!

PREENCHA A CRUZADINHA COM OS NOMES DAS COMIDAS TÍPICAS DE NOVA PETRÓPOLIS. NOS QUADRINHOS DESTACADOS, VOCÊ VAI DESCOBRIR OS NOMES DOS NETINHOS DA VOVÓ! AS RESPOSTAS ESTÃO NO FINAL DO LIVRO!



TODAS ESSAS COMIDAS SERÃO OFERECIDAS NA FESTA A QUE IREMOS HOJE! É O KERB! UMA FESTA EM QUE COMEMORAMOS TODO ESSE ESFORÇO DOS NOSSOS ANTEPASSADOS QUE VIERAM EM BUSCA DE UMA VIDA MELHOR.

AQUI, ELES SE AJUDARAM E FORMARAM GRUPOS PARA QUE NINGUÉM PASSASSE NECESSIDADE. POR ISSO É IMPORTANTE NOS REUNIRMOS TAMBÉM E FESTEJARMOS! OUVIREMOS AS BANDINHAS E DANÇAREMOS MUITO! VAMOS!



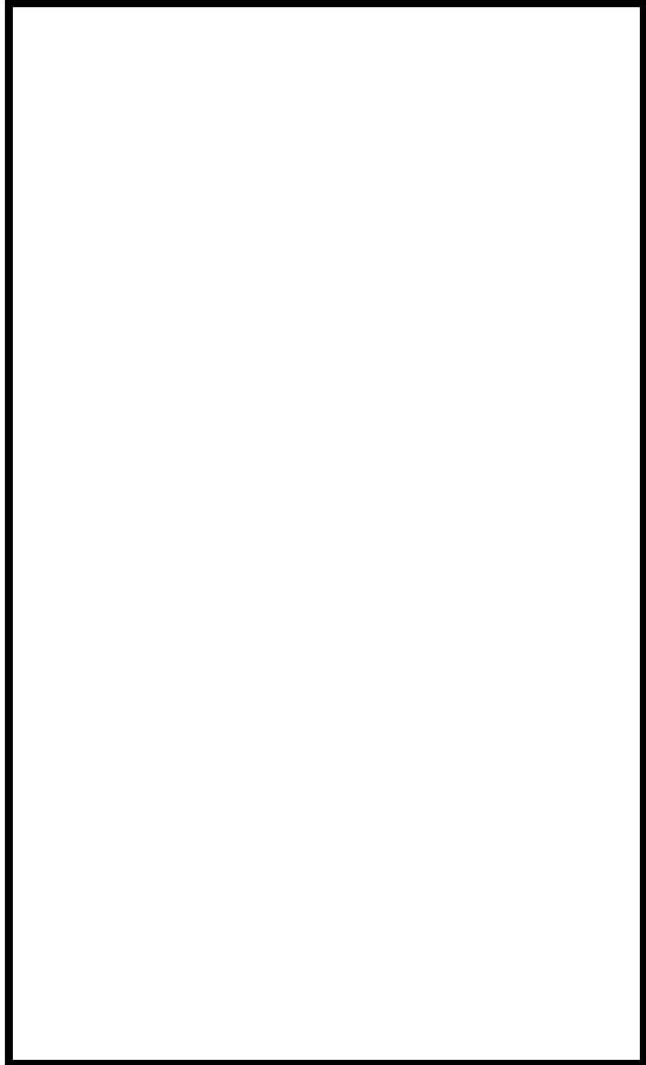
FIM



FAÇA UM DESENHO
AQUI DE UMA PARTE QUE
VOCÊ GOSTOU DESTA
HISTÓRIA!

DEPOIS DEIXE ELE
PENDURADO NO MURAL PARA
QUE UM COLEGUINHA POSSA
LEVAR PARA CASA!

E VOCÊ PODE
ESCOLHER O DESENHO
DE UM COLEGUINHA
PARA LEVAR!

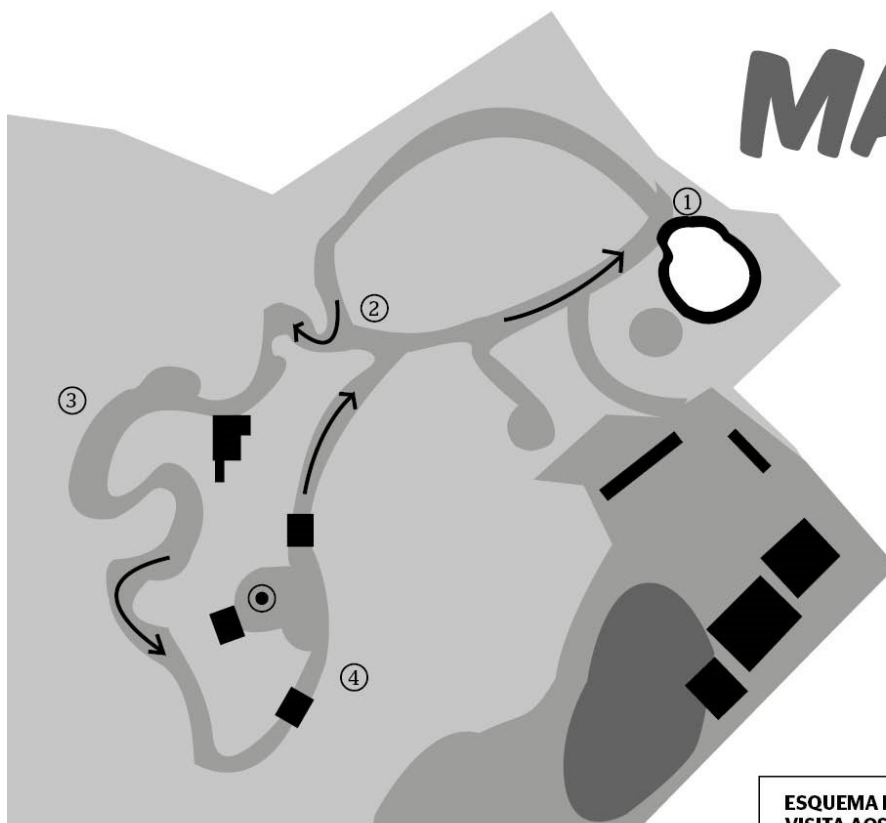


ESCULTURAS PARQUE
PEDRAS DO
SILENCIO

LIVRO DE ATIVIDADES



MAPA



ESQUEMA DE LOCALIZAÇÃO PARA VISITA AOS ESPAÇOS TEMÁTICOS

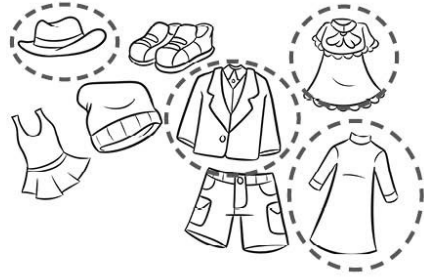
- ① Espaço Saga dos Imigrantes
- ② Espaço das Profissões
- ③ Espaço dos Pioneiros
- ④ Espaço de Tradições e Cultura
- Estátua da família de imigrantes

ESCULTURAS PARQUE
**PEDRAS DO
 SILÊNCIO**

LIVRO DE ATIVIDADES

**AQUI ESTÃO AS
RESPOSTAS
DOS PASSATEMPOS
ANTERIORES!**

PÁGINA 4:
Estão circuladas
as roupas que
eram da época
da imigração.



PÁGINA 10:
Estes são os nomes
corretos das
profissões:



ALFAIATE



TANOEIRO

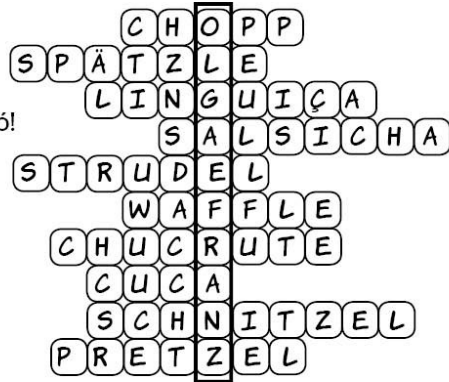


CURTIDOR



CARPINTEIRO

PÁGINA 11:
Veja o nome
correto das
comidas e dos
netinhos da vovó!



PÁGINA 7:
A mulher estava
cozinhando um
pão no forno!

